

O LIVRO DE JÓ E A TEOLOGIA DA RETRIBUIÇÃO

UMA CRÍTICA ÀS TEOLOGIAS CAUSADORAS E LEGITIMADORAS DO SOFRIMENTO HUMANO, ONTEM E HOJE

Wellington Gorrera Britto Fernandes⁵⁹

Fábio Ito⁶⁰

RESUMO

O livro de Jó traz uma magnífica história que retrata a vida de um homem, sua relação com Deus, com a religião e com o mundo, e de como estes relacionamentos são transformados no decorrer da história, motivados pela revolta após o sofrimento causado por uma série de infortúnios, mas principalmente, pelo abandono geral e exclusão. Nesta transformação, para Jó, Deus passa de um juiz meritocrata que sua religião oferecia, à um inimigo que o condena injustamente. No caminhar, no encontro e na presença, este relacionamento novamente se transforma, e Deus agora passando de inimigo para fonte eterna de amor gratuito e bondoso. O personagem principal irá descobrir, a duras penas através dos sofrimentos, que Deus nunca mudou, e que sua visão de Deus era distorcida e manipulada pela teologia oficial da época. Nesta descoberta, seus olhos se abrem para fora, mais precisamente para o próximo, e passa a enxergar sua religião e teologia como fontes agravadores e legitimadores do sofrimento humano, e nisso Jó se transforma em profeta, questionando tudo e todos a sua volta, inclusive a sua imagem de Deus, principalmente a religião, como denúncia contra a promoção de sofrimento e morte que esta fornece. Ainda hoje, a religião continua a tomar por vezes a mesma posição da vida de Jó e, portanto, a transformação da perspectiva de fé do personagem serve de exemplo para os cristãos a uma reflexão em busca de um estilo de vida profética que denuncie o mal e os sistemas causadores de opressão, na luta em favor da vida e da dignidade humana.

PALAVRAS CHAVE: Jó. Sofrimento. Teologia. Retribuição. Transformação. Justiça.

ABSTRACT

The book of Job brings a magnificent story that portrays the life of a man, his relationship with God, with religion and with the world, and how these relationships are transformed in the course of history, motivated by the revolt after the suffering caused by a series of misfortunes, but mainly,

59 Autor: Teólogo pela Faculdade Latino Americana – FLAM – wellington_gorrera@hotmail.com

60 Co-autor: Especialista em Teologia e Ministério e Diretor Geral da Faculdade Latino Americana – FLAM – pr.ito.fabio@gmail.com

by the general abandonment and exclusion. In this transformation, for Job, God passes from a meritocratic judge that his religion offered, to an enemy that unjustly condemns him. free and kind love. The main character will find out, the hard way through suffering, that God never changed, and that his view of God was distorted and manipulated by the official theology of the time. In this discovery, his eyes are opened to the outside, more precisely to others, and he begins to see his religion and theology as aggravating and legitimizing sources of human suffering, and in this Job becomes a prophet, questioning everything and everyone around him, including their image of God, especially religion, as a denunciation against the promotion of suffering and death that it provides. Even today, religion continues to sometimes take the same position as Job's life and, therefore, the transformation of the character's perspective of faith serves as an example for Christians to reflect on in search of a prophetic lifestyle that denounces evil. and systems that cause oppression, in the fight for life and human dignity.

KEYWORDS: Job. Suffering. Theology. Retribution. Transformation. Justice.

INTRODUÇÃO

O livro de Jó é um dos livros mais ricos em abrangência de diversidade de assuntos que podem ser tratados e refletidos através dos acontecimentos narrados que há na Bíblia. A grande maioria dos autores trata o livro de Jó na perspectiva do sofrimento humano e da religião interesseira, algo que por vezes limita os ensinamentos de uma série de vertentes que podem e devem ser exploradas. Portanto, conforme Gutierrez “a temática do livro de Jó é complexa: a transcendência de Deus, o problema do mal, o sofrimento humano, a questão da retribuição, a amizade, etc”⁶¹. Assim, é de grande interesse social e eclesiástico a busca por conhecimento em relação ao sofrimento humano, já que não há quem esteja imune a sofrer na vida, e pelo pouco saber deste tema, sua origem e seus motivos, acaba-se assim por uma obsessão de se aprofundar, na tentativa de que se obtendo conhecimento, se encontre uma solução ou uma fórmula capaz de amenizar tais dores.

Pouco se sabe sobre a data e autoria do livro de Jó. Há diversas contradições em relação à data de sua escrita, porém, no geral há um consenso de que a autoria é desconhecida e que foi perdida na história. O nome do personagem também tem sido tema de debate, e de várias interpretações. Uma das mais aceitas atualmente, até pelo contexto do livro, trata que sua tradução seja “ser inimigo”, ou num jogo de palavras como “alguém a quem Javé trata como inimigo”⁶². Quanto ao gênero literário, há em grande parte o consenso sobre o caráter sapiencial do livro, e que prevalece em sua maioria, embora sua forma não seja homogênea e possua partes com características folclóricas, diálogos literários e filosóficos⁶³. Por este motivo, seu lugar no cânon bíblico é amplamente validado entre os autores, situando junto aos livros de sabedoria, em conjunto com Salmos, Eclesiastes e Provérbios.

61 GUTIERREZ, 1987, p. 20.

62 LASOR; HUBBARD; BUSH, 2002, p. 514.

63 TERRIEN, 1994, p. 9-10.

O livro traz a história de um homem íntegro, reto e temente a Deus, Jó, e seu incalculável sofrimento causado por uma série de infortúnios em sua vida que o faz questionar seu sofrimento injusto à partir da teologia oficial, a religião interesseira da época, seus conceitos sobre Deus, o próprio Deus e o mundo à sua volta, se desenvolvendo em uma inspiradora jornada que irá culminar no encontro pessoal com Deus e uma nova perspectiva de fé nascida da experiência vivencial, do amor gratuito e da solidariedade com aqueles que sofrem.

Os infortúnios ocorridos na vida de Jó são impensáveis, e levam o personagem à uma situação de total devastação. Sua dor foi agravada e legitimada por sua religião através da teologia oficial da época, a Teologia da Retribuição, que questiona sua integridade, o acusando através dos discursos religiosos representado por seus amigos, que sem analisar sua vida individualmente e aplicando a uma regra de totalidade, o julga culpado por todos os males, e merecedor das desgraças ocorridas, o levando à condição de total abandono e exclusão familiar, eclesial e social, e a crer estar sofrendo de um abandono por parte Deus.

Sabe-se que são muitos os motivos que podem levar o ser humano a sofrer. Mas a pergunta que brota no livro de Jó, traz o sentido principal para este trabalho e reflexão: e quando a teologia e a religião são causadoras, agravadoras ou legitimadoras do sofrimento humano? E quando a religião que deveria promover consolação leva o homem à culpa, à exclusão e isolamento, legitimando o seu sofrer? Esta é a realidade do personagem, pois “Jó está abandonado de todos, porque está privado até das consolações de sua fé”⁶⁴. A reflexão a estas perguntas são as respostas que este trabalho visa apresentar.

A pesquisa estabelecida para este trabalho será bibliográfica com método teológico, abordado em três capítulos, fazendo uso de pesquisas e estudos de diversos materiais de diversos autores. Será utilizado o livro de Jó como base comparativa em relação aos dias atuais, apresentando discursos teológicos e religiosos causadores de sofrimento humano, e assim propor uma proposta de reflexão que direcione à uma teologia aplicada, sobre a necessidade de elaborar e promover discursos teológicos que promovam e defendam a vida e, a dignidade humana acima dos princípios morais doutrinários, e conseqüentemente, que seja um instrumento de negação a todo discurso religioso contrário à vida e que produz morte e sofrimento.

O estímulo principal deste trabalho se dá pela observação de que ainda hoje nossas teologias e discursos pastorais religiosos estão impregnados de uma moral legalista que se assemelha a teologia da retribuição em Jó. Tais discursos legitima e causam sofrimento entre muitos cristãos, pois levam a acreditar cegamente em tudo, considerando um saber humano como “palavra de Deus inerrante” e, desta forma, questionar a validade do seu sofrimento seria uma ofensa e pecado contra Deus. Assim como em Jó, as religiões e

64 TERRIEN, 1994, p. 50.

as teologias ao longo da história se colocaram em posições de autoridade de falarem diretamente da parte de Deus, e infelizmente, muito do que estas tinham a falar foram palavras causadoras de dor, sofrimento e morte. Faz-se necessário refletir as palavras de Jesus nos dias de hoje, e trazer resposta teológica ao seu convite: “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso”⁶⁵.

A TEOLOGIA DA RETRIBUIÇÃO COMO AGRAVADORA DO SOFRIMENTO NO LIVRO DE JÓ

O livro de Jó é um dos mais belos, mas também desconhecidos ou mal interpretados livros da Bíblia⁶⁶. A tentativa de romantizar o personagem Jó a apenas um sofredor paciente acaba por limitar, e muitas vezes esconder, um homem cuja sua experiência de sofrimento o faz se tornar um porta-voz rebelde para toda humanidade contra o sofrimento, as injustiças da vida e das estruturas de controle e poder que a promovem. Jó, em meio ao sofrimento, destila nas páginas do livro sua revolta e ira contra tais opressores, sendo sociais e principalmente religiosas, e que talvez por isso “a espiritualidade judaica e a cristã tentaram esquecê-la”⁶⁷ ou por ignorar dessa face do personagem.

Mergulhar nas trilhas do livro de Jó é refazer, e quem sabe reviver, os passos deste herói em compreender⁶⁸ seu sofrimento na busca por respostas aos anseios e tormentos, na transformação da percepção de Deus, do mundo e de nós mesmos, culminando em viver uma nova perspectiva de fé e de vida a partir da experiência do encontro com o sagrado. Lasor afirma:

Poucas histórias na literatura da experiência humana têm tamanho poder de alargar a mente, cobrar a consciência e expandir a visão como Jó. Todos os que testemunham o desastre na terra de Uz, bisbilhotam a conversa no tribunal de Javé, arbitram o debate entre Jó e seus amigos ou se arrepiam com a voz que sai do redemoinho terão modificadas suas crenças básicas. Terão alterada sua concepção de soberania e liberdade divinas bem como sua ideia de sofrimento, arrogância e integridade humana. Esse é o perigo e também a benção do livro.⁶⁹

Alargar a mente, cobrar a consciência e expandir a visão talvez seja o maior presente recebido através do livro de Jó, que convida a todos a compreender o significado de um

65 Mateus 11.28 NVI.

66 TERRIEN, 1994, p. 7.

67 TERRIEN, 1994, p. 7.

68 GUTIERREZ, 1987, p. 60. Para Gutierrez, Jó busca compreender a justiça de Deus na pessoa que sofre. Não aceita por isso a camisa de força da teologia que lhe é proposta.

69 LASOR; HUBBARD; BUSH, 2002, p. 514.

relacionamento verdadeiro com Deus, sem interesse e independente das circunstâncias vividas, mas também, de quão presunçosos podem ser o conhecimento autoritário e autossuficiente, que ao invés de aproximar vidas de Deus, faz o caminho inverso de afastar vidas através do sofrimento gerado pelos julgamentos e o sentimento de culpa. Jó traz não somente uma nova percepção de como se relacionar com Deus, mas com seu próximo, principalmente aqueles que levam vidas de tanto sofrimento neste mundo.

Pano de fundo do livro de Jó

Com um leque de variedades de temas e complexidade⁷⁰, o livro traz a história de um homem, Jó, que é apresentado pelo próprio Deus⁷¹ como sendo um homem íntegro e reto, que temia a Elohim e se afastava do mal. A cena de um diálogo na corte celeste entre Deus e um mensageiro de andanças pela Terra, chamado por Satã, rapidamente instiga uma dúvida⁷² sobre o personagem, não a respeito à sua integridade, mas essencialmente à sua motivação. Assim é apresentado o tema central do livro: “pode o homem adorar e servir a Deus por nada? Desinteressadamente? Sem nenhuma recompensa?⁷³”.

Diante do dilema, uma aposta⁷⁴ é proposta afim de constatar tal questionamento. Aposta aceita, permissões⁷⁵ concedidas por parte de Deus, é lançado na vida de Jó uma série de infortúnios que devastam a vida do pobre infeliz, acometendo a um severo sofrimento e tormento: a morte dos dez filhos, perda dos bens materiais e debilitação de sua saúde, estando este à beira da morte. Como se não fosse o bastante, Jó carrega ainda em suas dores o julgamento a uma nova condição social e religiosa: de homem justo à pecador, marginalizado e excluído socialmente a viver isolado, fora da cidade em um amontoado de lixo e cinzas⁷⁶.

Neste cenário irá se desenrolar a transformação na vida de Jó, sua trajetória de libertação religiosa e o verdadeiro conhecimento de Deus, ao questionar seu sofrimento inocente e a religião oficial, que além de não possuir respostas às suas dores naturais, ainda

70 GUTIERREZ, 1987, p. 20. Ainda que se delimite o foco em um tema para objeto de estudo, o livro de Jó apresenta um complexo de temas relevantes: a transcendência de Deus, o problema do mal, o sofrimento humano, a questão da retribuição, a amizade, etc.

71 Jó 1.8 - Iahweh disse ao adversário: “Reparaste no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afastava do mal.”

72 Jó 1.9-10 - O adversário respondeu a Iahweh: “É por nada que Jó teme a Deus? Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoastes a obras das suas mãos e seus rebanhos cobrem a região.

73 SOUSA, 2017, p. 23.

74 Jó 1.11 - Mas estende as tuas mãos e toca nos seus bens; eu te garanto que lançarás maldições em seu rosto”.

75 Jó 1.12 - Então Iahweh disse ao adversário: “Está bem, tudo que ele possui está em teu poder, mas não estenda tua mão contra ele”. E o adversário saiu da presença de Iahweh.

76 GUTIERREZ, 1987, p. 30-31. Para Gutierrez, o entendimento da religião oficial e a teologia da retribuição, as enfermidades e desgraça representava castigo divino pelas faltas pessoais e familiares.

legítima e agrava seu sofrimento através de sua teologia oficial e os discursos teológicos de seus defensores, conforme afirma Sousa:

O sofrimento de Jó ajuda-nos a entender o lugar de Deus na nossa experiência espiritual. É nesse sentido que Jó nos é apresentado como um paradigma da espiritualidade humana e cristã. Ele mostra tanto a fragilidade das nossas pretensões e teologias, que nem sempre respondem às questões mais profundas da alma, como também revela-nos um Deus que não se enquadra em certos esquemas teológicos e doutrinários que construímos. Despir-nos das nossas pretensões teológicas e encontrar-nos com o Deus livre e soberano é o caminho que Jó nos propõe.⁷⁷

Ao refazer o percurso dos passos de Jó, é apresentado em seu clamor a chave para o verdadeiro encontro com Deus e um discurso teológico que seja relevante para os nossos dias. Através de Jó, ao longo dos séculos, ainda hoje ecoa o grito pela justiça do novo Reino inaugurado em Cristo ressurreto, pois é um chamado para, por vezes, a ser como Jó “um crente rebelde. Rebelia contra o sofrimento inocente, contra a teologia que o justifica e inclusive contra a imagem de Deus que essa teologia apresenta”⁷⁸. A luta contra todo sistema que produz injustiça, desigualdade, sofrimento e morte é uma forma legítima de apresentar os verdadeiros sinais do Reino de Deus.

A teologia da retribuição como legitimadora do sofrimento humano

Segundo Oliveira⁷⁹, a Teologia da Retribuição fundamenta-se em uma lógica de causa e efeito, ou benção e maldição, e tem sua origem como uma doutrina criada da observação dos sábios para compreender a si mesmo, a ordem da natureza e do mundo em sua volta. Seu surgimento provém desde as civilizações mais antigas⁸⁰, antecedendo ao pensamento bíblico e não sendo exclusivo do povo hebraico.

Ao surgir como doutrina a partir da observação, a retribuição nasce de caráter especulativo das coisas práticas da vida sob uma compreensão contingencial do mundo, de acordo com Ziener para sugerir “o caminho (o melhor caminho) que se deve tomar para se afastar dos perigos que ameaçam a vida (o mais temível de todos, a morte)”⁸¹. Tal

77 SOUSA, 2017, p. 21-22.

78 GUTIERREZ, 1987, p. 44-45.

79 OLIVEIRA, 2018, p. 17.

80 OLIVEIRA, 2018, p. 20. Oliveira afirma que “como sujeito histórico, o povo de Israel não se constituiu isolado no tempo, portanto possui influência de tradições religiosas e sapienciais de outros povos antigos, chamada de Meia Lua do Crescente Fértil (Arábia, Palestina e Síria mediterrâneas). Babilônios e egípcios foram povos que antecederam a chegada do povo de Israel em Canaã e exerceram influência na cultura e tradição hebraica”.

81 ZIENER, 2004, p. 363, apud OLIVEIRA, 2018, p. 21.

observação visava entender a ordem no universo, como todas as coisas em sua volta, e a partir da lógica de causa e efeito, interpretar as intervenções de Deus (ou deuses) no mundo e na vida do homem como consequências a suas ações⁸². Ao ser incorporada à teologia oficial de Israel, ao longo do tempo acabou por ser questionada⁸³, por se tornar uma teologia engessada, e baseada muitas das vezes apenas na questão condicional do ser humano, criando-se assim o perigo apresentado no livro de Jó de nutrir um relacionamento utilitário entre Deus e o homem, além de um entendimento limitado e errado de Deus e suas ações no mundo, conforme Oliveira:

A aplicação indiscriminada da regra de causa e efeito produziu um esquema rígido que, ao ser referido à questão da forma como ocorre a distribuição da justiça divina, condicionou a relação Deus-homem-Deus a um mecanicismo invariável, a ponto desse esquema tomar refém o próprio Deus. Por força de tal condicionamento, as ações divinas passaram a obedecer a um rigoroso e inflexível script, que neutralizava qualquer outra expectativa e inviabilizava alternativas de relacionamento no presente, impactando também as relações do passado e do futuro.⁸⁴

Gomes indica que os questionamentos em relação à Teologia da Retribuição e sua crença na doutrina de causa e efeito, fortemente incorporada pela escola deuteronomista⁸⁵ na teologia oficial, começou no tempo pós-exílico babilônico, após o regresso do povo à Israel devido as condições de miséria que se encontrava a população sendo duplamente tributados, politicamente pela Babilônia e religiosamente pelo Templo (outrora o dízimo era utilizado para o sustento dos pobres, mas agora para aumentar poder e fortuna de reis e sacerdotes). Neste cenário, os sábios em Israel começam a questionar a forma simplista da Teologia da Retribuição que não respondia a experiência enfrentada pelo povo, que passava da esperança em reconstruir sua terra para a dura realidade de perdas, pobreza e sofrimento.

Para Rossi⁸⁶ o mecanismo de efeito da Teologia da Retribuição perpetua e promove a injustiça, pois como Deus concede riqueza para alguns e pobreza para outros, os ricos continuarão a serem ricos por serem “justos”, ao caso que os pobres continuarão a serem

82 OLIVEIRA, 2018, p.17-18.

83 OLIVEIRA, 2018, p.18. Como Teologia, a lógica da retribuição passa a ser questionada na Teologia de Israel em alguns trechos no livro de Provérbios, e em seguida fortemente rejeitada nos livros sapienciais de Jó e Eclesiastes.

84 OLIVEIRA, 2018, p. 18.

85 GOMES, 2019, p. 13-14. Gomes afirma que “foi a escola deuteronomista que codificou a doutrina de causa e efeito a partir da história da Aliança (em Deuteronomio 27 e 28 têm-se longa lista de bênção e maldição)”.

86 ROSSI, 2017, p. 8.

sempre pobres por serem “pecadores” ou por não confiarem em Deus. Portanto, essa teologia se trata de um mecanismo diabólico para legitimar estruturas de poder que geram desigualdade e sofrimento, pois “protestar contra a injustiça era sinal de não confiar na justiça de Deus. Pior: era não aceitar o plano de Deus e, conseqüentemente, amaldiçoa-lo”⁸⁷.

Assim, não é de admirar que de acordo com Rossi a Teologia da Retribuição era interessante e assim defendida pelas classes dominante de Israel (políticos, religiosos e comerciantes)⁸⁸ como forma legítima de defender seus interesses de poder e riqueza, contribuindo para a geração de desigualdade social e injustiça, como também, uma forma de controle⁸⁹ de massa do povo, mantendo submisso à ordem religiosa, uma vez que defendia ser essa a vontade de Deus. Na mesma linha, Gutierrez afirma que tal doutrina “é cômoda e tranquilizadora para quem possui grandes bens neste mundo e ao mesmo tempo consegue uma resignação com sentido de culpa dos que carecem de bens”⁹⁰, ou seja, uma teologia que legitima o sofrimento social e religioso da maioria esmagadora da população através da culpa.

Para a Teologia da Retribuição os infortúnios ocorridos na vida de Jó são um castigo divino por falha ou pecado cometido por este, sendo assim, justifica seu sofrimento promovendo além das dores físicas, uma dor de ordem moral, pois agora ele passa a ser visto por todos como um mero pecador, até mesmo pior, como alguém que foi importante e perdeu tudo, e, portanto, merecedor de todo sofrimento. Diante disso, Jó sofre “pela incompreensão de sua mulher e de seus amigos, pela reprovação social e até pela excomunhão eclesiástica”⁹¹.

Dessa maneira, a Teologia da Retribuição se detém na posição de legitimar e agravar o sofrimento na vida de Jó que passa a viver marginalizado, excluído⁹² e isolado fora da cidade, em situação de total precariedade, em condições desumanas, entregue sozinho à morte. Assim a Teologia oficial coloca Jó num estado total de sofrimento e abandono de todos e de tudo que se apegava e acreditava até aquele momento, padecendo por questionar sua fé e desprovido de esperança. “Jó vive seu sofrimento como um abandono por parte de Deus”⁹³.

87 ROSSI, 2017, p. 31.

88 ROSSI, 2020, p. 303.

89 ROSSI, 2017, p. 98. Rossi afirma que “o controle teológico inviabiliza a conscientização do indivíduo. Indivíduos não conscientizados ficam à mercê das decisões dos outros”.

90 GUTIERREZ, 1987, p. 53.

91 TERRIEN, 1994, p. 46.

92 TERRIEN, 1994, p. 127. Nas sociedades primitivas, os fracos devem ser expulsos do meio social, uma vez que o seu estado patológico é prova de maldição divina. É necessário atacá-los por razões pragmáticas e religiosas. Quem rejeita o homem defeituoso se coloca do lado da maioria e também de Deus.

93 GUTIERREZ, 1987, p. 34.

A devastação na vida de Jó é total. Abandonado por todos e isolado, virou alvo de zombaria⁹⁴ de homens maus e de julgamento maldosos de seus próprios amigos. Além disso, vive atormentado em sua confusão mental entre compreender a justiça de Deus conforme fora lhe ensinado pela Teologia da Retribuição e o mau sofrido injustamente em sua vida. Neste sentido, apesar de todo sofrimento que trazia em sua carne pelos infortúnios ocorridos, “a sua angústia provinha, pois, mais de sua teologia do que de sua observação da miséria humana”⁹⁵. É contra essa teologia, que não dialoga com seus questionamentos, não observa a realidade em sua volta, que desumaniza o ser humano e promove sofrimento e morte, que Jó dará o seu grito⁹⁶ de revolta, pois “não podemos separar a teologia da vida, sob o profundo risco de condená-la a ser uma antiteologia. [...] Nós devemos pensar a teologia como uma voz para os sem voz”⁹⁷.

Rossi defende que “por meio do seu grito, Jó se faz solidário com toda a humanidade. Sua provação não o isola, mas o traz pra perto de todos nós”⁹⁸. Assim, sua luta de ontem, ainda continua a ser nossa luta hoje, contra toda teologia e discurso teológico que não defenda a vida e a dignidade humana como razão principal de se falar de Deus. Na negação desta teologia que legitima e promove o sofrimento, Jó descobre um novo modo de falar de Deus, ou seja, de fazer teologia, a partir do clamor daqueles que sofrem, com base no seu próprio sofrimento. “Enquanto houver clamor, será esse clamor o critério de qualidade e de validade da teologia”⁹⁹. Assim, Jó não se torna apenas um porta-voz, mas um exemplo a ser seguido para a atualidade na denúncia a toda teologia e discurso religioso que gere ou potencialize o sofrimento humano.

A teologia da retribuição limitadora do entendimento sobre Deus

A Teologia da Retribuição através dos ensinamentos dos sábios¹⁰⁰ é o meio pelo qual Jó conhece a Deus, ou seja, de se ouvir falar¹⁰¹ pelos ensinamentos religiosos. Desta forma, Jó sofre ainda mais, pois no seu conhecimento limitado de Deus acredita estar sendo injustiçado pelos infortúnios em sua vida, uma vez que não enxerga pecado que os justificasse através da lógica retributiva de sua época. De acordo com Terrien “o esforço

94 Jó 30.8-9 - Filhos do infame e do homem sem nome, são expulsos da terra. E agora zombam de mim; sou objeto de seu escárnio!

95 TERRIEN, 1994, p. 15.

96 OLIVEIRA, 2018, p.36. É um grito de inquietação e busca de libertação das garras da teologia da retribuição e, ao mesmo tempo, uma virada antropológica-teológica da maneira tradicional de se fazer teologia.

97 ROSSI, 2017, p. 9.

98 ROSSI, 2017, p. 42.

99 ZABATIERO, 2018, p. 19.

100 TERRIEN, 1994, p. 300. O Deus cuja imagem ele tinha recebido de ouvido representava a tradição das escolas sapienciais.

101 Jó 42.5a - Outrora meus ouvidos ouviam falar de ti.

para justificar a sua conduta leva o homem a condenar a de Deus¹⁰². Ao ser levado a tal pensamento, Jó faz de Deus injusto na sede de provar sua inocência.

Entretanto, Gutiérrez está convencido de que Jó “jamais declara que Deus seja injusto. Em vez de falar mal do Deus de sua fé, questiona os fundamentos da teologia predominante¹⁰³. O fato é que seja como for, ainda que Jó questiona a Deus em sua revolta ao declarar seu sofrimento como injusto, não está fazendo ao Deus verdadeiro, mas sim a sua imagem e concepção distorcida de um deus mercantil, hostil e manipulável, fornecida pela Teologia da Retribuição. Sousa, que segue o mesmo entendimento¹⁰⁴ de Terrien sobre a conduta de Jó em relação a Deus, afirma:

O conflito de Jó é que ele também era partidário da tese dos seus amigos. Ele fazia parte do mesmo esquema teológico da retribuição. Durante os anos de sua vida próspera e saudável, o conceito do Deus da justa retribuição fora também partilhado por ele. Era assim também que ele via a Deus em sua relação com o homem. O grande dilema que enfrenta é que a teologia que lhe serviu tão bem por muitos anos agora não tem respostas para a sua crise.¹⁰⁵

Jó assim sofre na sua concepção de Deus, fomentada pela Teologia da Retribuição, por não entender a origem ou os motivos de seus infortúnios, ao mesmo tempo em que acredita que suas ações não conseguem mais manipular as ações de Deus. “O que escraviza o ser humano é a sua permanente pretensão de ser como Deus, e isto ele faz quando tenta determinar o agir de Deus como se fosse o próprio Deus¹⁰⁶. Lasor complementa que “uma lição nisso é que as pessoas só encontram liberdade à medida que reconhecem a liberdade divina. Nada é mais frustrante e limitador que estabelecer regras para Deus e depois ficar querendo saber por que ele não obedece a elas¹⁰⁷.”

Segundo Terrien¹⁰⁸, Jó está angustiado e apavorado¹⁰⁹ pelos desígnios de Deus, sentindo em seu sofrimento físico, mental e espiritual a hostilidade de Deus, ao ponto

102 TERRIEN, 1994, p. 55.

103 GUTIERREZ, 1987, p. 64.

104 SOUSA, 2017, p. 39. Sousa afirma que “Deus, em todo seu discurso, não acusa Jó de mentira nem contradiz sua afirmação de que é inocente. No entanto, para Jó, se ele é inocente, alguém deve ser culpado pela sua desgraça. Era a sua lógica. Na tentativa de provar sua inocência, ele se julga no direito de culpar Deus. O princípio é simples: se ele é inocente, Deus obviamente é injusto por fazê-lo passar por todo esse sofrimento imerecido.”

105 SOUSA, 2017, p. 32.

106 SOUSA, 2017, p. 41.

107 LASOR; HUBBARD; BUSH, 2002, p. 539.

108 TERRIEN, 1994, p. 101.

109 Jó 7.15 - Ele (Deus) me matará. Seja! Não tenho mais esperança, mas defenderei a minha causa em sua presença.

insuportável de desejar a própria morte. O estrago causado pelos infortúnios em sua vida, acrescentado em seu sofrimento o sentimento de injustiça e abandono¹¹⁰ de Deus, lançam ao pobre Jó o desgosto e a desesperança pela vida. De acordo com Gutiérrez “não quer dizer que Jó opte pela morte e contra a vida¹¹¹, [...] o que acontece é que viver sem paz, sem calma, sem descanso, em puro sobressalto (3.26) o faz preferir não ter nascido¹¹²”.

Portanto, o conhecimento limitado de Deus por parte de Jó, sustentado pela Teologia da Retribuição serviu como um agravante aos sofrimentos já existentes em sua vida dos infortúnios ocorridos, trazendo angústia e tormento à sua mente ao se sentir perseguido e condenado injustamente por Deus, além de lhe causar isolamento, abandono familiar, social e religioso. Desta maneira a Teologia da Retribuição se apresenta, de acordo com Rossi, como “uma teologia que não é capaz de romper com seus limites dogmáticos e caminhar em direção daquele que sofre¹¹³”, portanto uma antiteologia:

Uma teologia que não estabelece laços de ternura, fraternidade e comunidade não pode ser um discurso a partir de Deus, mas sim sua completa e mais pura negação. A antiteologia faz surgir o sentimento de culpa. Assim, uma enorme confusão existencial poderia envolver Jó. Nessa antiteologia, o Deus criador se transformou em alguém tão obcecado pelo pecado que teria como tarefa principal a de caçar o ser humano como se fosse um leão.¹¹⁴

Jó sofre imensamente com as desgraças ocorridas que o deixaram em uma situação de desumanidade¹¹⁵, e ao não encontrar em sua religião respostas, consolo e apoio, e encontrando somente culpa, exclusão e dúvidas, acaba por questionar a pessoa de Deus, sua ação no mundo e até o seu amor por sua criação. Assim, Jó sugere¹¹⁶: “se Deus faz o homem, por que não o ama? Não odeia ele a si mesmo, artista pervertido, quando persegue a sua obra?”¹¹⁷. Jó portanto, não possui apenas seu entendimento limitado sobre Deus, mas também distorcido da realidade de sua essência, tornando-se assim, acusador de Deus em seu sofrimento pela imagem perturbada apresentada pela teologia de sua tradição.

110 GUTIERREZ, 1987, p. 34. Para Gutierrez, Jó vive seu sofrimento como um abandono por parte de Deus.

111 Jó 3.11 - Por que não morri ao deixar o seio da minha mãe, ou não pereci ao sair das entranhas?

112 GUTIERREZ, 1987, p. 36.

113 ROSSI, 2017, p. 55.

114 ROSSI, 2017, p. 55.

115 TERRIEN, 1994, p. 72. Os efeitos da doença e da agonia mental tornaram Jó irreconhecível.

116 Jó 10.3 - Acaso te agrada oprimir-me, desdenhar a obra de tuas mãos e sorrir para as intrigas dos ímpios?

117 TERRIEN, 1994, p. 117.

Discursos teológicos dos amigos de Jó agravadores do sofrimento

No caminhar do sofrimento de Jó, o livro relata a visita de três amigos de terras distantes, que chegam juntos, após um longo tempo¹¹⁸ aos acontecimentos das desgraças na vida de Jó. Eles vieram com o intuito de consolar e confortar o velho amigo por seu sofrimento, principalmente o luto pela perda dos filhos. Elifaz, edomita da região de Temã, centro renomado de sabedoria. Baldad, das tribos nômades de Suás, que vagavam entre o Eufrates e a Transjordânia. Sofar, de Naamat, no Nordeste da Arábia¹¹⁹.

Ao chegarem e avistarem o amigo nas condições que se encontrava, não o reconheceram¹²⁰, lamentaram, caíram em pranto e se compadeceram da situação de Jó, para eles, à beira da morte. Terrien relata que “os efeitos da doença e da agonia mental tornaram Jó irreconhecível. Os ritos de luto mostram que os amigos esperavam a morte eminente do paciente”¹²¹.

Para Gutiérrez¹²², os amigos de Jó tinham em seu coração boa intenção, uma missão nobre de trazer alívio, conforto e consolo ao pobre amigo e compartilhar juntos do seu sofrimento. Não abandonaram Jó quando sofria: e esse foi o grande mérito deles. Suas atitudes demonstram que eram amigos verdadeiros, de grande estima por Jó. Eram pessoas de influência e sabedoria, que através de seus conhecimentos tentam encontrar explicação para os infortúnios na vida de Jó, pois uma vez compreendida, poderia tornar mais fácil suportar o sofrimento. Carson descreve assim o anseio por descobrir a origem do sofrimento no livro de Jó, que demonstra tanto os questionamentos de Jó, quanto os argumentos de seus amigos:

Percebemos na leitura desse livro magnífico que seu tema é o problema do sofrimento. Mas qual é exatamente o problema do sofrimento? Para muitas pessoas é a pergunta: Por que acontece o sofrimento? Quais são sua origem e causa? Ou de modo mais pessoal: Por que eu tenho que passar por esse tipo de sofrimento? Talvez, no entanto, no mundo de hoje, essas perguntas reflitam principalmente nossa obsessão em descobrir a origem das coisas – como se somente por esse meio pudéssemos obter o verdadeiro conhecimento.¹²³

118 TERRIEN, 1994, p. 73. A narração supõe que tenha decorrido certo lapso de tempo, provavelmente semanas ou meses, entre os acontecimentos das desgraças e a reunião dos amigos.

119 TERRIEN, 1994, p. 73.

120 Jó 2.12 - Quando levantaram os olhos, a certa distância, não o reconheceram mais. Levantando a voz, romperam em prantos rituais, rasgaram seus mantos e, a seguir, espalharam pó sobre a cabeça.

121 TERRIEN, 1994, p. 73.

122 GUTIERREZ, 1987, p. 33.

123 CARSON; FRANCE; MOTYER; WENHAM, 2009, p. 696.

Os amigos, após passar uma semana¹²⁴ em silêncio ao lado de Jó, também em silêncio, como defensores da verdade sobre Deus, revidam ao grito de lamento de um Jó angustiado e revoltado ao questionar Deus pelas desgraças em sua vida, e ao não encontrar explicações através dos ensinamentos religiosos. Infelizmente, seguros do seu saber, “todos eles falam a partir da teologia oficial e se negam a olhar para o real sofrimento de Jó a fim de consolá-lo”¹²⁵.

De acordo com Gutiérrez¹²⁶, os amigos de Jó falam a partir da Teologia da Retribuição, e nota-se, o quão influente era tal pensamento em diversas regiões. No centro de sua doutrina está a relação de causa e efeito de que Deus castiga os maus e recompensa os justos. Suas falhas, porém, são de se basearem tal convicção na relação condicional¹²⁷ a partir da moralidade. Neste caso para eles, Jó estava sendo castigado por seus pecados, e, portanto, negar isso seria querer ter razão contra o próprio Deus¹²⁸.

Portanto, o objetivo de todos os amigos de Jó em geral era o mesmo: convencer Jó a arrepender-se de seus pecados e pedir perdão à Deus, e assim, tinham a certeza de que Deus restauraria¹²⁹ as bênçãos na sua vida. Esse tipo de atitude escancara a relação mercantil e utilitária entre Deus e os homens que a Teologia da Retribuição causava em seus seguidores. “Para eles, a religião é mercado, a humildade, uma apólice de seguro, e a moralidade, uma moeda que compra a paz da alma e a prosperidade”¹³⁰. Neste anseio, deixaram de olhar para a dor do amigo e entraram em um debate, que se inicia em dar conselhos, mas logo se transforma em ataques cada vez mais agressivos¹³¹ no intuito de defender a religião, e conseqüentemente, seu modo de ver a Deus. Para Rossi¹³² este tipo de teologia dos amigos de Jó abafa qualquer tipo de compaixão, já que nenhum dos amigos falam nada a respeito do sofrimento de Jó na preocupação de defender os seus dogmas.

Os diálogos se intercalam, ora um dos amigos, ora Jó, e nisso se alongam numa constante tentativa de convencer Jó de seu pecado. Assim, a revolta dos seus amigos diante da defesa de Jó é crescente, assim como também é crescente o sofrimento de Jó pelos discursos de ódio muitas vezes proferido pelos seus amigos. Gutiérrez relata

124 Jó 2.13 - Sentaram-se no chão ao lado dele, sete dias e sete noite, sem dizer-lhe uma palavra, vendo como era atroz seu sofrimento.

125 ROSSI, 2020, p. 287.

126 GUTIERREZ, 1987, p. 52-53.

127 TERRIEN, 1994, p. 49. “Os amigos de Jó erram ao aplicar mecanicamente o dogma da retribuição como se ele fosse uma lei impessoal que se verifica sempre na experiência dos indivíduos ou da história.”

128 Jó 4.17 - Pode um homem ser justo diante de Deus? Um mortal ser puro diante do seu criador?

129 Jó 22.21 - Põe-te à disposição de Deus e faz as pazes! Então tua felicidade te será restituída.

130 TERRIEN, 1994, p. 49.

131 GUTIERREZ, 1987, p. 57. A segunda rodada de discursos é caracterizada por uma maior agressividade dos amigos de Jó. É grande o contraste com as primeiros intervenções. O tom mudou. Não se trata mais de dar conselhos a um amigo, mas de acusar Jó na sua blasfêmia de se declarar inocente contra Deus.

132 ROSSI, 2017, p. 44.

assim este imbróglio: “os argumentos dos amigos de Jó soam oco, chocando-se contra a convicção de sua inocência. O que motiva a rebelião crescente de Jó não é tanto seu sofrimento, como as justificações que dele apresentam seus interlocutores”¹³³. Sousa segue o mesmo raciocínio, e compreende que o sofrimento de Jó é agravado pelos discursos religiosos de seus amigos: “o conflito de Jó com seus amigos dá-se basicamente por causa da intolerância desumana dos seus discursos. A revolta de Jó é motivada muito mais pelas justificações dos seus amigos do que pela própria dor”¹³⁴.

A maldade dos discursos dos amigos de Jó para aquele que sofre é tamanha, que Baldad “para defender sua doutrina, culpabiliza¹³⁵ um pobre pai pela morte de seus queridos e amados filhos e filhas”¹³⁶, em uma clara referência ao fato de Jó prestar culto e oferta¹³⁷ em favor de possíveis pecados dos filhos. Diante de terríveis agressões, Jó sofre, se sente mais só do que nunca, pede que seus amigos se calem¹³⁸ e escutem sua defesa a partir de sua experiência de sofrimento. Por fim, Jó acusa seus amigos de faltarem com “os deveres elementares da amizade¹³⁹, e diz que o insucesso na cura das almas é o equivalente da apostasia”¹⁴⁰. Assim, “as palavras de Jó são uma crítica a toda teologia órfã de contato com a realidade, e de compaixão humana”¹⁴¹.

Os amigos de Jó não se calam, e continuam a trazer mais e mais rebeldia e sofrimento ao coração do pobre amigo. Para seus amigos, Jó está louco em suas queixas e em sua defesa de inocência. “Ao ser tratado como insensato, Jó representa todas as pessoas que são desqualificadas e desvalorizadas por uma teologia que, ao invés de libertar o ser humano, aprisiona-o”¹⁴². Para os amigos de Jó é difícil compreender uma realidade a qual não conhecem¹⁴³. Para Jó, seus amigos são “consoladores de miséria¹⁴⁴”, pois como já esteve

133 GUTIERREZ, 1987, p. 56.

134 SOUSA, 2017, p. 32.

135 Jó 8.4-6 - Se teus filhos pecaram contra ele, ele os entregou ao poder de seus delitos. Se fosses tu que procuravas a Deus como a aurora, e imploravas a graça do Onipotente, se fosses verdadeiramente puro e honesto, ele se levantaria logo em seu favor, e te restauraria em tua justiça.

136 ROSSI, 2017, p. 47.

137 Jó 1.4-5 - Seus filhos costumavam celebrar banquetes, um dia em casa de um, um dia em casa de outro, e convidavam suas três irmãs para comer e beber com eles. Terminando os dias de festa, Jó os mandava chamar para purificá-los; de manhã cedo ele oferecia um holocausto para cada um, pois dizia: “Talvez meus filhos tenham cometido pecado, maldizendo a Deus em seu coração”. Assim costumava fazer Jó todas as vezes.

138 Jó 13.5-6 - Ah se ao menos guardásseis silêncio, poderíeis passar por sábios! Ouvi, pois, eu vos peço, a minha defesa; prestai atenção às razões dos meus lábios.

139 Jó 6.14 - O desesperado deveria ter ao menos a afeição do amigo, ainda que tivesse abandonado o temor do Todo-poderoso.

140 TERRIEN, 1994, p. 96.

141 GUTIERREZ, 1987, p. 63.

142 ROSSI, 2017, p. 52.

143 Jó 16-4 - Pois bem! Também eu poderia falar como vós, se eu estivesse em vosso lugar.

144 Jó 16.2 - Já ouvi muitas palavras como as vossas! Vós sois consoladores de miséria!

do mesmo lado que seus amigos, argumenta que poderia falar como eles. Mas agora, a partir da experiência de seu sofrimento, tem outra percepção do mundo, e principalmente, dos discursos teológicos que nada tem a dizer como resposta à realidade. Para Rossi:

Ao discursarem teologicamente a partir de seu bem assegurado e cômodo lugar, as palavras dos amigos conseguem apenas vislumbrar de longe a periferia do mundo de Jó. Eles mostram simpatia, consolam com a boca e tentam acalmar o amigo com simples movimento de lábios. Mas o que dizem não vale nada. Ao contrário, apresenta-se como uma teologia que só aumenta a dor daquele que ouve. Jó, conseqüentemente, rejeita esse modo de fazer teologia que não leva em consideração as situações concretas, os sofrimentos e esperanças dos seres humanos e que, simultaneamente, esquece o amor gratuito e a compaixão infinita de Deus.¹⁴⁵

“O autor do livro de Jó apresenta os amigos teólogos falando de Deus, mas nunca a Deus como faz Jó”¹⁴⁶. E nesta sua queixa com Deus, Jó vive a experiência do encontro com o sagrado que vem ao seu encontro e lhe fala do meio da tempestade. Entretanto, mesmo que Deus não lhe dê explicações sobre os infortúnios e seu sofrimento, Jó encontra na liberdade do amor e da graça de Deus compreensão para uma nova perspectiva de fé capaz de superar suas dores. Assim, para surpresa dos renomados teólogos, os amigos de Jó, Deus condena e rejeita a fala deles em defesa do “seu deus”, ou seja, dos interesses de sua religião e diz que seu servo Jó, em sua rebeldia, falou corretamente de Deus¹⁴⁷. Neste sentido, os amigos de Jó que o acusavam de blasfemar contra Deus, são colocados por Deus como os verdadeiros idólatras e blasfemadores, como cita Gutiérrez: “a verdadeira blasfêmia está em seu auto-suficiente falar, já que suas palavras encobrem e desfiguram o rosto de um Deus que ama gratuita e livremente. Os amigos crêem mais em sua teologia que no próprio Deus”¹⁴⁸.

Após todo debate e acusações, agora os amigos de Jó dependem da intercessão¹⁴⁹ do amigo junto a Deus. Neste momento, Jó demonstra aos seus amigos o real sentido da amizade, de confortar, interceder e apoiar, seja qual for a situação, mesmo após as infames acusações recebidas.

145 ROSSI, 2017, p. 39.

146 GUTIERREZ, 1987, p. 95.

147 Jó 42-7 - Depois que Iahweh dirigiu essas palavras a Jó, Iahweh disse a Elifaz de Temã: “A minha cólera se inflamou contra ti e contra teus dois amigos, porque vós não dissestes sobre mim a verdade, como meu servo Jó.

148 GUTIERREZ, 1987, p. 63.

149 Jó 42-8 - E agora tomai sete novilhos e sete carneiros e dirigi-vos ao meu servo Jó. Oferecei-vos por vós em holocausto, e meu servo Jó rogará por vós; terei a atenção para com ele, e não vos punirei por causa de vossa loucura, embora não tenhais dito a verdade sobre mim, como meu servo Jó.

Os amigos de Jó queriam ajuda-lo desde o princípio, mas no desejo de defender o fundamentalismo de sua teologia, esqueceu-se daquilo que era mais valioso: a vida. “Talvez uma das principais lições de Jó seja a de nos alertar que as palavras não são inocentes ou neutras, muito menos as palavras teológicas”¹⁵⁰. Motivados pelo conhecimento limitado de sua doutrina, os amigos de Jó trouxeram em seus discursos palavras dolorosas, acusações e, conseqüentemente, mais sofrimento à vida de um pobre infeliz.

ATEOLOGIA DA RETRIBUIÇÃO COMO LEGITIMADORA DO SOFRIMENTO HUMANO HOJE

Há uma pluralidade de teologias na religião cristã. Elas compõem e defendem a multidiversidade religiosa de denominações e doutrinas eclesiais, muitas delas, em sua essência, havendo concordância teológica, mas também algumas outras, havendo certas divergências. Tudo isso, dificulta falarmos de uma única¹⁵¹ teologia. “Teologia é um conceito plural, melhor pronunciar teologias. Primeiro porque é um conceito muito amplo, e quando se decompõe também é muito abrangente”¹⁵².

Gutiérrez afirma que “a teologia é uma linguagem sobre Deus”¹⁵³, portanto, compreende-se que todo discurso religioso ou o simples falar a respeito de Deus constitui, em partes, uma teologia, o que torna sua abrangência e diversidade extremamente inimaginável. O contexto de retribuição está impregnado no cotidiano da vida humana, muito além da questão teológica, com poder de influência em todos os contextos. A este conceito de retribuição, Sousa afirma:

Parece-me que a retribuição é um conceito universalmente aceito como base para as relações humanas; basta observar as relações familiares, em que o princípio de troca é uma constante desde muito cedo. Se somos obedientes e bondosos, ganhamos recompensa; se desobedecemos, somos castigados. Se tiramos boas notas e somos aprovados, recebemos os prêmios; mas, se somos reprovados e fracassamos, sofremos as conseqüências e punições pelos nossos fracassos. Aprendemos a conquistar nossos direitos por meio desse princípio. Tanto no mundo público como no privado o homem sempre se comporta assim. É a política do “é dando que se recebe”¹⁵⁴

150 ROSSI, 2017, p. 40.

151 SANCHES; SANCHES, 2013, p. 43. Não existe somente uma teologia ou somente um jeito de fazê-la. Na realidade, a teologia varia de acordo com contextos históricos, culturais e até mesmo de teólogo para teólogo.

152 KIVITZ, Ed René. **O evangelho do Reino: Teologias – Ep 1**. São Paulo, 03 de agosto de 2021. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=OVPEXUN_aE4. Acesso em 15 de janeiro de 2023.

153 GUTIERREZ, 1987, p. 9.

154 SOUSA, 2017, p. 35.

Portanto, mesmo acostumados a este conceito que faz parte do dia a dia das pessoas, no popular “aqui se faz, aqui se paga”¹⁵⁵, há de se focar na Teologia da Retribuição como influência dos discursos teológicos e pastorais nos dias de hoje e suas consequências na legitimação e agravamento do sofrimento humano.

O conceito da teologia da retribuição nos dias de hoje

O conceito de retribuição enraizado amplamente na vida das pessoas se faz presente em todos os contextos, tanto nas relações humanas e, conseqüentemente, nas relações eclesiais. Em um tempo cada vez mais marcado pelo capitalismo excessivo e o individualismo, o interesse utilitário por traz das construções de relacionamentos é notório, pois, o valor da pessoa está diretamente ligado naquilo que ela possui e aquilo que ela pode oferecer, do que propriamente na dignidade de sua humanidade. Se “o utilitarismo é o carro chefe das relações humanas, e não seria diferente para com Deus e o mundo espiritual”¹⁵⁶.

De acordo com Sousa¹⁵⁷ é comum no meio eclesiástico das igrejas atuais os testemunhos das bênçãos de Deus atrelado à algum ganho recebido, seja material ou espiritual (maior parte material), como sinal da graça e da presença de Deus nas vidas dos fiéis, e nas quais, sem estas bênçãos, se sentem abandonadas por Deus, como foi o caso de Jó¹⁵⁸. Sobre o conceito da retribuição na época de Jó, e refletido hoje, Gutiérrez (1987, p. 53) relata que a

doutrina dominante da época em que foi escrito o livro, volta repetidamente num certo tipo de mentalidade religiosa. Uma doutrina que é cômoda e tranquilizadora para quem possui grandes bens neste mundo e ao mesmo tempo consegue uma resignação com sentido de culpa dos carentes de bens. Certas tendências dentro do mundo cristão deram nova vida, ao longo da história, a esta concepção ética que vê na riqueza um prêmio de Deus ao homem honesto e trabalhador, e na pobreza um castigo ao pecador e ao ocioso.¹⁵⁹

Da mesma forma como a relação com os bens materiais hoje nas igrejas possui certa influência ou características da Teologia da Retribuição em Jó, as atitudes de seus amigos em seus discursos como verdadeiros pertencentes do conhecimento¹⁶⁰ absoluto sobre

155 Ditado popular com característica retributiva.

156 SOUSA, 2017, p. 23.

157 SOUSA, 2017, p. 29.

158 GUTIERREZ, 1987, p. 34. Jó vive seu sofrimento como um abandono por parte de Deus.

159 GUTIERREZ, 1987, p. 53.

160 GUTIERREZ, 1987, p. 9. A teologia é uma linguagem sobre Deus. Ora, na Bíblia Deus se nos apresenta como um mistério. [...] Convém lembrar disso, pois daí decorre uma atitude na tentativa de falar sobre

Deus, se fazendo advogados deste Deus e sua doutrina, e assim, se achando quase divinos¹⁶¹, são talvez a que mais se aproxime de alguns fiéis, e principalmente, dos líderes religiosos atuais. “É comum no mundo religioso, particularmente o evangélico, justificar o sofrimento e reações como as de Jó como sendo respostas de alguém que não conhece a Deus, ou que, no mínimo, não confia nele. Foi assim que seus amigos reagiram ao seu drama”¹⁶².

Assim, “pode-se dizer que a crise de Jó é uma expressão das muitas e variadas crises pelas quais passa nosso povo hoje. Nesse sentido, o livro de Jó adquire um valor especial, pois passa a ser um espelho que reflete o cotidiano de cada um de nós”¹⁶³. Ainda hoje, muitos líderes religiosos se utilizam de suas teologias e discursos religiosos, através do poder de influência eclesial que a religião impõe sobre os fiéis, como meio de manipulação¹⁶⁴ aos seus próprios interesses ou de sua denominação, oprimindo-os numa falsa sensação de liberdade. Rossi descreve essa relação semelhantemente ao discurso de Sofar, um dos amigos de Jó:

O discurso de Sofar demonstra, na verdade, o caráter patológico de sua teologia, que desumaniza os que vivem na periferia do mundo. [...] Uma teologia patológica que fala de liberdade com o objetivo de sufocar o discurso que vem da periferia. Muitas vezes a utilização do controle do saber e da informação é um dos melhores instrumentos que os líderes religiosos incorporam a fim de manipular seu grupo religioso.¹⁶⁵

Em sua grande maioria, tais líderes religiosos utilizam-se das questões morais como instrumento de opressão, se tornando verdadeiros idólatras¹⁶⁶, e parte deste argumento como forma de aprisionar através da culpa¹⁶⁷ “seu rebanho”, e assim, fazê-los andar conforme seu interesse, de maneira semelhante ao que os amigos de Jó se dispuseram fazer ao tentar convencê-lo de seu pecado, insistindo para que viesse a aceitar suas recomendações utilitárias como forma legítima de reconciliação com Deus. Ainda hoje, essa questão permeia fortemente as teologias eclesiais e os discursos pastorais,

Deus. Atitude de respeito que não se coaduna com certos discursos que pretendem com segurança, e às vezes até com arrogância, saber tudo a respeito de Deus.

161 TERRIEN, 1994, p. 168. O homem se crê semelhante a Deus, quando presume falar em seu nome.

162 SOUSA, 2017, p. 22.

163 ROSSI, 2017, p. 42.

164 ROSSI, 2017, p. 98. O controle teológico inviabiliza a conscientização do indivíduo. Indivíduos não conscientizados ficam à mercê das decisões dos outros.

165 ROSSI, 2017, p. 50.

166 TERRIEN, 1994, p. 128. Os verdadeiros idólatras são aqueles que procuram servir-se de sua religião para seus próprios fins.

167 ROSSI, 2017, p. 43. A teologia que Elifaz manifesta se assenta na tentativa de convencer Jó de sua culpabilidade.

mesmo sabendo que “a moral não pode, em nenhum caso, ser empregada como a avenida epistemológica da teologia. O Deus que é verdadeiramente Deus deve escapar até à imagem moral que o homem se faz de Deus”¹⁶⁸.

Nesse sentido, esse abuso de poder religioso busca satisfazer de forma geral, seus próprios interesses, como meio de auto proteção ministerial e, ainda defender sua teologia e doutrina, consciente ou inconscientemente (como os amigos de Jó)¹⁶⁹, criando-se assim um ciclo perpétuo de sofrimento que não traz salvação e plena liberdade nem para aquele que aprisiona e causa o sofrimento alheio, como aquele que sofre e é aprisionado por tais religiões e dogmas. Conforme Stan:

Desde o tempo dos fariseus, a mentalidade legalista, baseada na autossuficiência dos méritos próprios, sempre tende a produzir dois extremos: ou o fariseu ou o publicano. O fariseu tem toda a certeza de sua própria justiça, com base em obras de moralismo externas, mas, de fato, não é nem justo nem realmente livre. O publicano, por outro lado, se desespera pela sua falta de mérito e seu insuperável fracasso em alcançar sua própria vindicação. Mas nenhum dos dois pode fazer o bem livremente, posto que o realizam só como meio para alcançar sua própria autojustificação.¹⁷⁰

Ao olhar para a vida e a história de Jó, nota-se a luta que este personagem travou com a religião e a teologia oficial por legitimar e agravar o seu sofrimento em seu momento mais difícil e doloroso da vida, virando-lhe as costas e deixando-o sozinho, abandonado e isolado¹⁷¹, à mercê da própria sorte. “Mais angustiante ainda é reconhecer que, mesmo hoje, fazemos teologia com a mesma lógica dos amigos de Jó. Trata-se, portanto, de uma lógica que temos muita dificuldade de quebrar”¹⁷². Ainda assim, faz-se necessário a busca por melhor entendimento e reflexão, como busca primeira de transformação desta realidade que ainda causa muito sofrimento e morte¹⁷³ em defesa da vida e a dignidade humana.

168 TERRIEN, 1994, p. 55.

169 GUTIERREZ, 1987, p. 59. Trata-se de teólogos competentes, embora equivocados, conscientes de sua doutrina, mas inconscientes de que ela nada tem a dizer ao sofrimento humano.

170 STAN, 2018, p. 145.

171 ROSSI, 2017, p. 41. Jó se encontra fora da cidade. Sua posição é de excluído. Talvez fosse tomado por um leproso. [...] Sua casa agora é um monte de cinza, lixo e esterco onde normalmente os doentes esperam a própria morte. O caminho da casa até o monte de lixo indica o caminho da antevida.

172 ROSSI, 2017, p. 31.

173 ROSSI, 2020, p. 291. A pergunta de fundo que emerge dessa situação poderia ser assim formulada: religião ou a vida, quem tem preferência? Ao fazer opção pela religião e deixar a vida tangencialmente, a religião se metamorfoseia em um instrumento que ao invés de defender, produz a morte.

Discursos religiosos retributivos causadores de sofrimento hoje

Ainda hoje, muito dos discursos teológicos tem um certo teor dos discursos dos amigos de Jó, que se preocupam mais em defender seu próprio interesse, sua religião e doutrina, e, seu conhecimento de Deus, do que olhar para a realidade e o sofrimento humano. Portanto, muitos líderes religiosos se comportam diante dos fiéis e de diversos problemas atuais, como os amigos de Jó, pois “seu interesse é apenas fazê-lo entrar no seu esquema de fé. Está mais preocupado em provar que sua teologia é correta, que a lógica do seu raciocínio é justa, que a sabedoria adquirida é verdadeira”¹⁷⁴, e assim, manter seu status de controle, dominação e opressão através do seu “verdadeiro saber”. Neste intuito, Gouvêa nos traz um relato sobre certas mentiras¹⁷⁵ utilizadas como defesa doutrinária, como as dos amigos¹⁷⁶ de Jó:

Um ex-aluno de uma escola de teologia fundamentalista disse-me certa vez que havia sido ensinado a ele que só adentrar em uma livraria católica já era um sério pecado, do qual precisava se confessar. Esse mesmo aluno, certa noite, chegou a derramar lágrimas de arrependimento, por ter lido um trecho de um livro de estudos bíblicos publicado pelas Edições Paulinas.¹⁷⁷

Neste caso, apresenta claramente a intenção de “cabresto religioso”, no intuito de manter o controle cego e manipulação dos fiéis, como forma de manutenção de poder aos pensamentos e interesses que venha coadunar com de sua própria religião e doutrina. Neste aspecto, esses líderes religiosos se afastam da vida concreta, do objetivo primeiro de toda teologia, e conseqüentemente, se afastam de Deus, que é o verdadeiro dono e autor da vida, conforme relata Gutiérrez a respeito desses líderes, eles

preferem repetir os conceitos que aprenderam num dado momento, em vez de aproximar-se da vida concreta das pessoas, propor-se perguntas e abrir-se assim a uma melhor compreensão de Deus e de sua palavra. Isso faz com que sua argumentação não passe de um amontoado de mentiras, convenientemente arranjadas para conseguir a aparência de verdade.¹⁷⁸

174 SOUSA, 2017, p. 31.

175 GUTIERREZ, 1987, p. 59. Em relação aos conceitos e discursos dos amigos de Jó, o autor fala “que sua argumentação não passe de um amontoado de mentiras, convenientemente arranjadas para conseguir a aparência de verdade”.

176 ROSSI, 2020, p. 293. Para Baldad pensar é definitivamente proibido. [...] Estamos ao redor de uma forma de totalitarismo que cria sistemas teológicos que dão voltas ao redor de si mesmos, estabelecendo o fundamentalismo como premissa básica de seu fundamento.

177 GOUVÊA, 2021, p. 102.

178 GUTIERREZ, 1987, p. 59.

Inúmeros são os tipos de discursos religiosos carregados de preconceito e certo moralismo¹⁷⁹ religioso que fomenta um sistema que produz exclusão e sofrimento através da legitimação da culpabilidade por parte dos fiéis. Muitos destes discursos religiosos têm na sua composição o conceito da retribuição tanto criticado no livro de Jó, com um ar de verdade absoluta¹⁸⁰. Rossi traz um testemunho assustador para os dias atuais, e um grande alerta para quem acredita que atitudes de discursos sem compaixão e impregnados de maldade como dos amigos de Jó tenha deixado de existir no ambiente eclesial atual. Tal relato se apresenta como referência a questão da doença como sendo castigo de Deus, e resultado de algum pecado cometido:

O relato de um episódio que presenciei numa igreja ilustra claramente a situação: numa noite de quinta-feira, durante o culto, o pastor convidou as pessoas que tinham algum tipo de problema físico para se posicionarem em frente ao altar. Entre elas estava uma jovem. O pastor lhe fez duas perguntas: qual era o problema dela e se ela era fiel a Deus. Respondidas as questões, ele passou a expulsar a doença da jovem (surdez de um dos ouvidos). Depois de várias tentativas e nenhum resultado, a resposta dele à jovem foi a seguinte: “Enquanto eu orava, o Espírito Santo me falou que não poderá curá-la enquanto você não confessar seus pecados encobertos”. Naquela noite, vi com meus próprios olhos que aquela jovem deixava o altar com mais um peso sobre a sua já dolorida vida: o peso de uma consciência culpada, pensando que Deus desejava curá-la, mas não o podia fazer por causa do seu pecado.¹⁸¹

Desta maneira, a Teologia da Retribuição se mantém viva até hoje nos discursos e atitudes de certos líderes religiosos, que vivem no caráter de sua teologia igual aos amigos de Jó em que “a vida pouco lhes importava, conquanto pudessem ser iluminados pela teologia que sustentava sua indiferença diante da dor daqueles que sofriam. Contudo, teologia alguma pode nos tornar indiferentes diante da dor de homens e mulheres”¹⁸².

A questão social e econômica também possui hoje seus defensores religiosos com seus argumentos pautados na Teologia da Retribuição, como por exemplo a teologia da prosperidade¹⁸³. Nos discursos pastorais não é diferente: em relação à situação dos

179 GUTIERREZ, 1987, p. 52. A relação causa-efeito rege estritamente no universo da moralidade.

180 ROSSI, 2017, p. 30. De fato e de verdade, a teologia da retribuição se apresenta como um dogma, e sabemos que dogmas não podem ser discutidos e muito menos aceitam qualquer tipo de protesto

181 ROSSI, 2017, p. 67-68.

182 ROSSI, 2017, p. 52.

183 OLIVEIRA, 2018, p.59. A teologia da prosperidade fundamenta-se em uma lógica mercantilista, com ênfase no sucesso, na saúde física e emocional e na posse de bens como resultado visíveis e comprobatórios de uma fé viva em Deus. Essa fé viva alinha-se como um novo tipo de fé que exige mudanças significativas na postura escatológica dos crentes que, tradicionalmente, remetiam ao

mendigos e moradores de rua, o pastor Marcos Granconato¹⁸⁴ discursou que “a maioria dos mendigos têm o dever bíblico de passar fome, pois Paulo diz aos tessalonicenses: ‘se alguém não trabalha, que também não coma’”¹⁸⁵. Tal argumentação no contexto latino-americano, inserido em um país de terceiro mundo com um dos maiores índices de desigualdade social, pobreza e miséria, chega a ser não só desrespeitoso, mas desumano em sua antiteologia¹⁸⁶, pois além de ofender, rebaixa o ser humano, tornando-o em vilões até mesmo aqueles que na verdade, são vítimas¹⁸⁷ das estruturas de poder¹⁸⁸ e controle que criam esta situação terrível. A cerca de tal teologia e discurso religioso, Rossi enfatiza:

Como a teologia poderia afirmar a soberania da vitória numa sociedade de pessoas derrotadas? Como podemos dizer que Jesus Cristo é o Senhor sobre toda a vida e, ao mesmo tempo, criar uma teologia que nega a promessa de vida plena para todo o mundo? A teologia não deveria estimular uma religiosidade de vitoriosos porque ela seria, desde o início, uma religiosidade excludente. Uma teologia que proclama a prosperidade e a vitória como sinais da presença de Deus em uma sociedade marcada acentuadamente pela pobreza, pelo sofrimento e pelo fracasso não possui nenhuma relevância como discurso teológico para as igrejas, assim como nenhuma relevância na sociedade.¹⁸⁹

Para Rossi, “qualquer teologia que fracassa em sua contribuição decisiva para o conceito de um Deus que se solidariza com as vítimas da sociedade deveria se abster de se pronunciar definitivamente sobre qualquer assunto”¹⁹⁰. Assim, o grito de Jó não pode ser abafado¹⁹¹ nestas situações, e deve rugir mais alto do que nunca, pois “Jó fala em nome

futuro, às promessas de saúde perfeita e ausência de sofrimento (cf. Ap 21.4). A lógica mercantilista não lida com a formação de caráter, a construção ética da responsabilidade pelo outro ou com a pedagogia da esperança, mas com a comprovação e a efetividade da bênção através da experimentação imediata. Por isso, a dor e a doença devem ser eliminadas, e a saúde e felicidade vividas aqui e agora.

184 Pastor Marcos Granconato da Igreja Batista Redenção.

185 JUNIOR, 2021, p. 869.

186 ROSSI, 2017, p. 38. A antiteologia, por sua vez, desloca Deus no centro exato em que Ele deve estar e, de uma ou de outra forma, faz com que o discurso teológico seja mais importante do que a vulnerabilidade humana.

187 ROSSI, 2020, p. 288. Jó, provavelmente, a partir de sua experiência de sofrimento, denuncia com veemência uma sociedade onde as vítimas da opressão são excluídas com a justificativa teológica de uma presumida culpa deles. A vítima jamais tem culpa e, principalmente, culpa teológica.

188 ROSSI, 2017, p. 9. Nenhum sistema econômico que produz injustiça e desonestidade pode ser abençoado ou legitimado em nome de Deus.

189 ROSSI, 2017, p. 9.

190 ROSSI, 2017, p. 108.

191 GUTIERREZ, 1987, p. 162. O grito não pode calar-se. Aquele que padece injustamente tem direito à queixa e ao protesto. Nele afirma sua perplexidade e ao mesmo tempo sua fé.

daqueles que são vítimas da sociedade. Os sofrendores não são vagabundos e preguiçosos, gente que não quer trabalhar, como muitos pensam precipitadamente”¹⁹².

O mais triste, preocupante e revoltante é observar que tais discursos religiosos ainda hoje pouco tem se preocupado com o valor da vida e da dignidade humana, semelhantemente ao discurso do amigo de Jó, Baldad. “A linguagem teológica de Baldad está a serviço da defesa da sua doutrina. Por isso, ao culpabilizar um pai pela morte de seus filhos e filhas, não se sente mal. Estamos diante de uma teologia que faz apologia a morte e que não sai em defesa da vida”¹⁹³. Ao discursar que vítimas de sistemas econômicos de poder, que geram desigualdade, pobreza e miséria são merecedores à não receberem o básico e vital (alimento) para proteção de sua vida e o mínimo à sua dignidade como ser criado por Deus, é ir totalmente contrário ao dever prioritário da teologia como justiça de Deus.

Algum tempo atrás, foi noticiado o discurso do pastor José Olímpio¹⁹⁴, ao transparecer que um ser humano, por ter sua opção sexual pela homossexualidade, deveria morrer como castigo por suas escolhas: “Esse é o ator Paulo Gustavo que alguns estão pedindo oração e reza. E você vai orar e rezar? Eu oro para que o dono dele o leve para junto de si”¹⁹⁵. Lamentável ver como a vida humana se tornou banal diante da defesa de certas crenças, teologias e doutrinas, e que na verdade não passam de antiteologia por não defender o valor primeiro: a vida. Certos discursos religiosos simplesmente viram as costas e negam o sacrifício universal de Cristo, e reduzem à criação de Deus a nada.

De acordo com Rossi, “é necessário chamar a atenção para o fato de que a tarefa da teologia é manter e proteger a dignidade humana em situações em que ela se encontra em perigo de ser sacrificada”¹⁹⁶. Pinheiro entende que o papel fundamental de qualquer teologia cristã deve ser a defesa pela vida, uma vez que defende o sacrifício de Cristo e a justificação pela graça, portanto:

A teologia que nasce da vida é sentido e luta incondicional pela justiça, entendendo que a justificação pela graça, através da fé, não se refere apenas a fé posicional, mas existencial. [...] Dizer sim à vida significa dizer não à guerra e suas devastações. Dizer sim à vida significa dizer não à miséria e suas humilhações. Não existe uma afirmação verdadeira da vida sem luta contra tudo que nega a vida.¹⁹⁷

192 ROSSI, 2017, p. 60.

193 ROSSI, 2020, p. 295.

194 Pastor José Olímpio da Igreja Assembléia de Deus sobre a repercussão dos pedidos de oração pela vida do ator Paulo Gustavo enfrentando a luta pela vida pela enfermidade causada pela Covid-19.

195 JUNIOR, 2021, p. 334.

196 ROSSI, 2017, p. 120.

197 PINHEIRO, 2009, p. 260-261.

Assim, toda e qualquer teologia ou discurso religiosa que não defenda a vida, promovendo rastros de dor e morte, em nada tem a falar sobre Deus e o sacrifício de Jesus, uma vez que ao negar a vida, nega também a criação e o sacrifício salvífico que traz vida.

Discursos religiosos retributivos causadores de sofrimento na pandemia covid-19

Durante a pandemia do Covid-19, desde seu surgimento e no decorrer das descobertas científicas, houve um devastador rastro de mortes e sofrimentos e, conseqüentemente, muitos foram os discursos na tentativa de explicar as causas e os motivos para tais acontecimentos, desde os discursos populares, e obviamente, até os discursos religiosos. Alguns meses após o surgimento da pandemia, em setembro de 2020, o renomado pastor e teólogo John MacArthur¹⁹⁸, analisando alguns dados estatísticos da doença, chegou a afirmar durante um culto que: “não há pandemia¹⁹⁹”, e foi um dos líderes a levantar a bandeira de resistência, contrário ao isolamento social e ao fechamento das igrejas, expondo assim, milhares de pessoas ao risco de contágio da doença, e conseqüentemente, à morte, em influência ao seu posicionamento.

Outro renomado pastor, teólogo e escritor, John Piper²⁰⁰, em seu livro denominado: “Coronavírus e Cristo”²⁰¹, traz uma série de reflexões e discursos sobre os motivos e as causas da pandemia da Covid-19, carregado com teor de conceito retributivo. Piper afirma que “o coronavírus foi enviado por Deus, [...] e Deus a ordenou”²⁰², dando o tom inicial de sua reflexão, e trazendo dúvidas e questionamentos geral sobre o motivo de tantas mortes, sofrimento e famílias destruídas sendo da vontade²⁰³ de Deus. Tal postura se compara em muito aos dos amigos religiosos de Jó, e seu saber “irrefutável²⁰⁴” ao falar sobre agir de Deus. Terrien em referência à passagem em Jó 13.7-12²⁰⁵, afirma em relação à Jó, na defesa contra seus amigos apologistas, que:

198 John Fullerton MacArthur é um pastor, teólogo e escritor norte-americano, atuando a décadas como ministro na Igreja Evangélica “Grace Community Church” na cidade de Sun Valley, Califórnia, EUA.

199 MACARTHUR, John. Vídeo original retirado o youtube, mas acessível no Portal do Facebook “Defendendo o Evangelho”, 02 de setembro de 2020. Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=739952969914061> acesso em 04 de abril de 2023.

200 John Stephen Piper é um pastor de denominação batista, teólogo e escritor norte-americano, atuando como pastor na Igreja “Bethlehem Baptist Church” na cidade de Minneapolis, EUA.

201 PIPER, John. **Coronavírus e Cristo**. São Paulo. Editora Fiel, 2020

202 PIPER, 2020, p. 39.

203 PIPER, 2020, p. 37, Piper afirma que “tudo acontece porque Deus deseja que aconteça”.

204 PIPER, 2020, p. 42. Piper afirma que “meu objetivo não é inventar ideias sobre o que Deus pode estar fazendo. Meu objetivo é ouvir a palavra dele nas escrituras e transmitir a você o que eu ouço”.

205 Jó 13.7-12 – Pensais defender a Deus com palavras pérfidas, e, pela causa dele recorrer a enganos? Mostrar-vos-íeis parciais a favor dele? Seríeis advogados de Deus? Teríeis prazer em que ele perscrute os vossos pensamentos? Zombaríeis dele como se caçoa de um homem? Ele seria o primeiro a vos condenar, se tivésseis complacências secretas por ele! Não vos assusta a sua majestade? Não vos causa ela o pavor? Vossas repetições são máximas de cinza; vossas defesas são muralhas de argila!

Jó acaba de acusar Deus de dirigir a natureza e a história de um modo amoral, e, não obstante, presume, sem se preocupar com a contradição, que esse mesmo Deus exige a veracidade dos homens e não pode suportar que uma apologética se baseie na hipocrisia intelectual. Ademais, como seres humanos, podem eles arrogar-se o direito de se fazerem nomear advogados de Deus?²⁰⁶

Assim como a teologia dos amigos de Jó, que se apega essencialmente à questão moral para definir o agir de Deus, Piper afirma que “Deus está dando ao mundo, no surto de coronavírus, assim como em todas as outras calamidades, uma ilustração física do horror moral e da feiura espiritual do desdenhoso pecado”²⁰⁷. Portanto, em sua teologia, a pandemia do Covid-19 foi enviada por Deus com objetivo pedagógico por conta do pecado moral dos seres humanos.

O ápice do conceito retributivo no discurso teológico em relação à pandemia da Covid-19 está na argumentação de que “algumas pessoas serão infectadas com o coronavírus como um julgamento específico de Deus por causa de suas atitudes e ações pecaminosas”²⁰⁸. Assim, este argumento não só se assemelha ao discurso de Baldad, que justifica a morte dos filhos de Jó por conta de suas ações pecaminosas, como agrava o sofrimento daqueles fiéis que perderam seus entes queridos e que já têm a difícil tarefa de lidar com o sofrimento do luto, e agora também, com a legitimação da morte destes como um castigo de Deus.

Em uma época marcada pelo medo do desconhecido, pelas grandes incertezas sobre a sobrevivência, e por tanto sofrimento, tais discursos teológicos em nada têm a acrescentar ou a ser relevante na sociedade, uma vez que traz a aqueles que ouvem um cenário de total desesperança ao se levar a acreditar que o Deus da graça e da vida, está agora neste tempo, punindo e castigando a todos que foram ceifados por essa terrível doença como pecadores por suas condutas morais. Ao fazer uma reflexão com base na totalidade, e não olhar especificamente²⁰⁹ e individualmente para cada situação e para o chão²¹⁰ da vida, corre-se o risco de agir como os amigos de Jó. “Podemos falar também de um totalitarismo que nos leva a criar sistemas teológico que dão voltas ao redor de si mesmos e, conseqüentemente, estabelecem o fundamentalismo como premissa básica de seu edifício”²¹¹.

206 TERRIEN, 1994, p. 133.

207 PIPER, 2020, p. 57.

208 PIPER, 2020, p. 63.

209 ROSSI, 2017, p. 44. Para ser válida, toda ação teológica deve, necessariamente, estar precedida de uma reflexão sobre o ser humano e de uma análise da vida concreta do ser humano concreto.

210 ROSSI, 2017, p. 44. A teologia nasce do chão da vida e existe para defender a vida.

211 ROSSI, 2017, p. 45.

Ao tentar dar explicações sobre tudo, até mesmo de sofrimentos desconhecido como ocorrido na pandemia, corre-se o risco de se tornar semelhante aos amigos de Jó, que com a prepotência de seu conhecimento, reduziram e distorceram a imagem do Deus da graça e do amor. O anseio de se sustentar no seu autossuficiente saber, e de aparentar a sua sabedoria, faz por vezes do ser humano um tolo arrogante que em tudo que disser, nada tem verdadeiramente a falar de Deus, daquele que antes de tudo, é mistério.

REFLEXÕES PARA UMA NOVA ESPIRITUALIDADE E OLHAR TEOLÓGICO EM DEFESA DA VIDA

Ao longo dos séculos, e também atualmente, religiões cristãs, teologias e discursos pastorais têm por vezes falhado no sentido final e real daquilo que se propõe o Evangelho. Isto não significa, em suma, por falta de fé, mas por vezes de possuir uma fé baseada em suas próprias ideologias²¹², na defesa quase que prioritariamente de seus dogmas e conceitos morais, distanciando assim daquilo que tanto caracterizou a vida de Cristo, sendo ele mesmo o próprio e verdadeiro Evangelho a ser apresentado, ou seja, o conhecimento verdadeiro de Deus através do relacionamento em amor, graça e misericórdia em defesa pela vida²¹³ de sua criação, redimindo e salvando²¹⁴ tudo o que criou. Rossi trata essas falhas teológicas e religiosas como caricatura de teologia, ou antiteologia, assim apresentado:

Quanta coisa hoje em dia é apresentada como teologia, mas não passa de caricatura de teologia! Teologia é a confissão de fé em um Deus que exige que tenhamos com Ele uma experiência viva, porém correta, fundamentada em fatos claros e seguros, fatos que sejam capazes de nos guiar com firmeza ao conhecimento do Deus libertador e de uma comunidade de age de forma libertadora e inclusiva. Uma teologia da vida, em defesa da vida e contra o império da maldade. A antiteologia, por sua vez, desloca Deus no centro exato em que Ele deve estar e, de uma forma ou de outra, faz com que o discurso teológico seja mais importante do que a vulnerabilidade humana.²¹⁵

Ainda hoje, muitos dos discursos teológicos continuam a andar em direção contrária aos discursos dos profetas, representado na figura de Jó, e se assemelham assustadoramente

212 SANCHES; SANCHES, 2013, p. 43. A fé que nos move e nos conduz deve estar em constante vigia, pois ao mesmo tempo em que é a nossa luz para clarear a realidade que queremos compreender, é nosso impedimento para enxergá-la devidamente, quando está a serviço de ideologias diversas ou dos confinamentos dogmáticos da Igreja.

213 PINHEIRO, 2013, p. 18. A teologia entende isso: a vida é direito universal porque Deus ama a pessoa, todas as pessoas foram feitas por Ele.

214 João 3.17 – Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que este fosse salvo por meio dele.

215 ROSSI, 2017, p. 38.

aos discursos de seus amigos, sendo legitimadores e agravadores do sofrimento humano tanto visto no livro de Jó, se revestindo apenas de uma roupagem atual²¹⁶, e assim passam a perpetuar na história humana, promovendo em seu autossuficiente conhecimento e controle um rastro de dor, sofrimento e morte. Sanches traz um alerta importante sobre a finalidade primordial de toda teologia e discurso teológico que propõe ser relevante na vida em sociedade:

[...] embora não consigamos viver sem ideologias, nossa teologia não pode tê-las como finalidade, mas somente como instrumentos de mediação teórica. O serviço da teologia não as visa em última instância, mas sim o conhecimento de Deus e da sua criação. A vida é dom de Deus, o que a torna originalmente boa e digna. Se a harmonia e beleza do mundo, a bondade e a dignidade da vida têm sido comprometidas, resta-nos refletir seriamente acerca disso e intervir para a transformação desta realidade. A Teologia pode e deve servir a esse objetivo em conjunto com outras áreas do conhecimento humano. Ao cumprir esse papel, ela se mostra teologia integral e dinâmica, portanto, viva.²¹⁷

Assim, a defesa pela vida, pela harmonia do mundo e por toda criação tem o dever de ser a base de toda e qualquer teologia ou discurso religioso que pretenda falar a respeito de Deus, para conseqüentemente, ser relevante a promover uma práxis transformadora em um mundo marcado pela injustiça, desigualdade e sofrimento, principalmente daqueles que vivem à margem da sociedade.

A transformação de jó e um novo conceito da justiça de Deus em defesa pela vida

O livro de Jó traz um belo exemplo de como o andar pelas ruas do sofrimento, da miséria e da exclusão, e por que não dizer, do lamento e da revolta²¹⁸, pode e deve trazer reflexões para transformação de uma nova perspectiva sobre o amor e o juízo de Deus. Jó precisou andar por esses caminhos tenebrosos do sofrimento para ter um verdadeiro encontro com o sagrado, ou seja, a partir das suas dores seus olhos se abriram para a realidade de muitos²¹⁹. Assim, mesmo que não seja vivenciado a experiência do sofrimento,

216 ROSSI 2017, p. 11. Reúno os discursos dos quatro amigos de Jó no que chamo de “discurso teológico oficial”, ou seja, um tipo de discurso teológico que torna impossível qualquer tipo de reflexão autônoma e que tenta manter a ordem social existente. De um modo completamente diferente, os discursos teológicos de Jó são criados ou elaborados a partir da periferia daqueles que sofrem economicamente e teologicamente.

217 SANCHES; SANCHES, 2013, p. 15.

218 GUTIERREZ, 1987, p. 96. O encontro pleno de Jó com seu Deus passa pela queixa, pela perplexidade e pelo confronto.

219 ROSSI, 2017, p. 58. Nos discursos de Jó, o infortúnio particular governa sua visão do geral; seu sofrimento merecido abre-lhe os olhos à injustiça patente na sociedade em geral.

há a necessidade de olhar para a essa realidade, permeando o fazer teológico nos dias de hoje tendo como exemplo a realidade da vida de Jesus, a fim de libertar da exclusão e marginalização aqueles que sofrem e morrem nesta condição, e promover a defesa pela vida e pela dignidade humana. “Falar de Deus da condição do sofrimento do inocente não é um assunto que se limite ao caso de Jó. É um desafio para todo aquele que crê”²²⁰.

Assim também, o Evangelho de Cristo chama a reconhecer a marginalização causada pelo pecado e pela maldade em todas as estruturas, e, conhecendo a gratuidade do seu amor, abraçar o chamado a abandonar toda convicção meritocrática de justiça divina e retribuição temporal instantânea. Portanto, essa é uma missão para o fazer teológico²²¹ a partir do contexto atual social²²² daquele que sofre, a lutar pelo direito e a dignidade da vida, da sua plena libertação no novo Reino instaurado em Cristo Jesus, em todos os aspectos da vida das pessoas, seja espiritual, social, racial, político e, até mesmo, religioso. Rossi traz um comentário sobre o livro de Jó para os dias de hoje, que mesmo sendo longo, é de suma importância para a reflexão no combate a todo discurso religioso teórico e pronto, que não vive a realidade da exclusão e do sofrimento, e assim, não traz libertação e vida a aqueles que necessitam:

O autor do livro de Jó toma o modelo de sofrimento pessoal de Jó como protótipo do sofrimento da vida do povo de Deus. O sofrimento é a ocasião que abre a porta do drama, porém o tema que se apresenta com mais intensidade é o da justiça de Deus. Os amigos defendem a teologia tradicional sapiencial que deseja defender Deus à custa do ser humano, ainda que este seja despojado e sofra injustamente. Os amigos argumentam pela tradição, acusam com o objetivo de defender sua teologia e não progridem na discussão. Mas Jó reflete a partir da própria realidade e por isso seu discurso apresenta características inovadoras. O Deus que seus amigos apresentam seria de fato o Deus verdadeiro? Durante o percurso do livro, percebemos que nos discursos dos amigos não há alusão à realidade que Jó vive e muito menos ao problema da injustiça que ele havia colocado. Talvez essa situação esteja confirmando, como em tantos outros lugares do livro, que os discursos dos amigos representam a teologia da ordem e da submissão a um destino providencial que regula o cosmos, mas que não enfrenta as injustiças que os seres humanos padecem em seu cotidiano. Os amigos têm, portanto, discursos típicos de certas práticas consoladoras atuais.²²³

220 GUTIERREZ, 1987, P.39.

221 GUTIERREZ, 1987, p. 163. O sofrimento humano, sejam quais forem suas causas – sociais, pessoais ou outras – é uma questão de suma importância para o discurso teológico.

222 ROSSI, 2017, p. 38. É possível dizer que toda teologia cumpre algum papel na organização social. Não existe teologia neutra, por mais que tentemos construí-la. Toda teologia fala a partir de seu próprio lugar social.

223 ROSSI, 2017, p. 41.

A declaração de que antes conhecia Deus somente de ouvir falar, mas que agora seus olhos o veem²²⁴, vai além do significado literal da expressão de quem verdadeiramente viu a manifestação de Deus por meio da tempestade²²⁵, mas Jó declara assim sua nova percepção²²⁶ de Deus, do mundo, do próximo e de si mesmo, através do caminhar de sua experiência de dor e sofrimento, culminando no ápice de sua história através da demonstração maior de amor de Deus a aqueles que sofrem, obtendo um encontro pessoal com o Todo-Poderoso.

De fato, Jó era um simpatizante e devoto²²⁷ da Teologia da Retribuição, aprendida na tradição familiar e sapiencial. Suas dúvidas, questionamentos e incertezas durante toda sua trajetória de revolta²²⁸ se dá justamente pelo fato da teologia a qual era devoto não responder as questões mais sensíveis de sua nova realidade²²⁹. Sousa assim descreve:

Uma questão que se coloca no coração da experiência espiritual de Jó é a mudança radical de sua visão de Deus e de si mesmo. [...] embora Jó fosse um homem íntegro, reto e temente a Deus, conservava conceitos e percepções de Deus que comprometiam sua espiritualidade e devoção, bem como a imagem de Deus. De certa forma, todos nós temos nossos conceitos de Deus formados a partir das nossas experiências e histórias de vida que determinam nossa leitura da Bíblia. Jó também era assim. A teologia da retribuição, que agora tanto o prejudica, foi por um bom tempo a espinha dorsal das suas convicções sobre Deus.²³⁰

A transformação²³¹ na vida de Jó e a sua libertação do cárcere²³² da Teologia da Retribuição se torna completa e plena no encontro com Deus, mas o processo se inicia anteriormente a esta experiência. Sua transformação se inicia no despojamento forçado de seus privilégios de homem rico, respeitado social e religiosamente, sendo obrigado a andar em total e absurdo sofrimento pelos infortúnios ocorridos, além de ser excluído

224 Jó 42.5 – Outrora meus ouvidos ouviam falar de ti, mas agora meus olhos te vêem!

225 Jó 38.1 – Iahweh respondeu a Jó do meio da tempestade e disse:

226 TERRIEN, 1994, p. 300. O Deus cuja imagem ele tinha recebido de ouvido representava a tradição das escolas sapienciais. Ele herdara as suas crenças. Agora, na violência, na dor e no despojamento absoluto, ele obtém a fé.

227 SOUSA, 2017, p.32. O conflito de Jó é que ele também era partidário da tese dos seus amigos. Ele fazia parte do mesmo esquema teológico da retribuição. Durante os anos de sua vida próspera e saudável, o conceito do Deus da justa retribuição fora também partilhado por ele.

228 TERRIEN, 1994, p. 194. “A minha queixa é uma revolta”: Jó sabe que sua atitude é de rebelião.

229 SOUSA, 2017, p.32. O grande dilema que enfrenta é que a teologia que lhe serviu tão bem por muitos anos agora não tem respostas para a sua crise.

230 SOUSA, 2017, p.37.

231 SOUSA, 2017, p.32. A postura de Jó é transformada. [...] Percebeu que o que determina as ações de Deus não é o que ele entende por justiça, mas o amor gratuito de Deus.

232 GUTIERREZ, 1987, p. 134. As palavras do Senhor tiram Jó da cela em que está encerrado devido a contradição entre sua experiência de inocência e a doutrina da retribuição.

pelos becos da periferia da marginalização, para que assim então pudesse enxergar²³³ de dentro do seu sofrimento, a triste realidade de muitos que assim o vivem. Para Gutierrez “se o processo não tivesse chegado a esse ponto, um resíduo da teologia da retribuição teria permanecido em Jó, e com ele uma maneira míope de ver Deus”.²³⁴

Desta forma, Jó recusa os discursos de seus amigos e a teologia religiosa da retribuição que imperava em seu contexto. “É a recusa a uma maneira de fazer teologia que não leva em conta as situações concretas, o sofrimento e as esperanças dos seres humanos”²³⁵. Para Terrien, a mudança de paradigma de fé em Jó em relação à Teologia da Retribuição, e até mesmo no relacionamento com Deus, é o que tanto o difere de seus amigos:

Enquanto Jó corajosamente abre um novo caminho num território inexplorado e avança para um destino que não conhece, os amigos já chegaram. Na verdade, nem partiram. O poeta revela novamente a perspicácia com a qual distingue a religião estática da fé dinâmica. Aqueles que se agarram a fórmulas fixas condenam a exploração teológica por causa de seus perigos, mas se esquecem de que somente ela pode ser construtiva e profética.²³⁶

O sofrimento do inocente causado pelas estruturas pecaminosas de poder traz em Jó um novo olhar sobre o mundo, e principalmente, sobre a sua teologia que não tinha respostas relevantes para esse mal. Ao questionar²³⁷ a validade de sua teologia, descobre que se trata de mais uma ferramenta de manipulação e controle, que promove e sustenta a injustiça, a dor e a morte. Jó se opõe²³⁸ aos discursos de seus amigos, rebatendo²³⁹ tamanhos absurdos, e assim, se torna porta voz²⁴⁰ daqueles que sofrem injustamente. Gutierrez afirma sobre a recusa e oposição de Jó aos discursos de seus amigos:

233 GUTIERREZ, 1987, p. 66. Diante da insistência dos seus amigos na doutrina da retribuição temporal, Jó sai da consideração individual de seu caso para perguntar-se por que tudo corre tão bem para os maus [...] Poderá mostrar, de outro ângulo, a fragilidade dos argumentos que lhe são opostos. “Quando penso fico horrorizado e o pavor domina meu corpo. Por que continuam a viver os ímpios e, ao envelhecer, se tornam ainda mais ricos? A prole está segura em sua presença, e a progênie diante de seus olhos. As casas estão em paz e sem temor, a vara de Deus não os atinge” (Jó 21.6-9).

234 GUTIERREZ, 1987, p. 147.

235 GUTIERREZ, 1987, p. 61.

236 TERRIEN, 1994, p. 157.

237 GUTIERREZ, 1987, p. 60. Jó procura compreender a justiça de Deus na pessoa que sofre. Não aceita por isso a camisa-de-força da teologia que lhe é proposta.

238 GUTIERREZ, 1987, p. 48. [...] quando, provocado por seus amigos, Jó amplia sua visão, sai do encerro inicial e entende que não se trata de um caso de sofrimento individual. O que está em questão – percebe Jó – é a dor e a injustiça que vivem os pobres.

239 GUTIERREZ, 1987, p. 90. Jó, insaciável, busca às apalpadelas, e combatendo contra falsas imagens, o sentido profundo da justiça divina e um encontro pleno com o Deus de sua fé e de sua esperança.

240 GUTIERREZ, 1987, p. 113. Em Jó, só diante de Deus, estão presentes todos os inocentes deste mundo que sofrem injustamente e que perguntam pelo porquê desse fato de Deus em quem crêem.

Na verdade Jó rejeitava a ordem moral que esses teólogos lhe apresentavam e, por conseguinte, o Deus em quem se apoiavam. [...] Se a única ordem possível é a ordem da justiça, da maneira como foi proclamada por seus amigos, então Jó converte-se, apesar de tudo, em defensor da desordem. [...] A prova de que esta posição sem saída nunca o satisfaz é seu ardente pedido de discutir não com seus amigos mas com o próprio Deus. Jó com sua lamentação (que é uma forma de oração) estava, como Jeremias, próximo de Deus. Mais próximo que seus amigos com sua teologia.²⁴¹

Desta forma, Rossi ao refletir sobre a missão dos profetas de Deus na história da humanidade, coloca Jó como um profeta em seu tempo, que na sua marginalização escancara a realidade social do povo, condenando as desigualdades sociais e a opressão religiosa da Teologia da Retribuição nos discursos de seus amigos. Sobre os profetas, afirma:

Eles condenavam de maneira contundente a falta de vínculo que existia entre celebração e vida, isto é, muito líderes pensavam que Javé pudesse ser subornado e comprado com rituais grandiloquentes e, além disso, que Javé pudesse estar do lado deles, mesmo quando a violência e a opressão se faziam presentes na ordem do dia. Os profetas, neste sentido, demonstravam uma profunda convicção de que a celebração religiosa não podia ser separada da vida. Seria impensável e, até mesmo, impossível buscar a Deus sem reconhecer a necessidade imperativa de praticar a justiça em todas as relações humanas. A violação do direito inalienável do ser humano é antes de tudo uma violação do próprio Deus. Trata-se de um crime contra Javé, o autor e protetor da vida.²⁴²

Ao se levantar como profeta, Jó se torna em sua revolta um porta voz de Deus em favor das vítimas da sociedade e das estruturas de poder que provocam e sustentam o sofrimento e a morte. De fato, quando Deus afirma²⁴³ que Jó em sua cólera falou corretamente do sagrado, expressa a própria luta do Deus que ama e se solidariza com as vítimas de cada tempo, pois ele mesmo é vítima, e sofre²⁴⁴ junto com sua criação. Nas palavras de Moltmann:

241 GUTIERREZ, 1987, p. 136.

242 ROSSI, 2017, p. 35.

243 Jó 42-7 - Depois que Iahweh dirigiu essas palavras a Jó, Iahweh disse a Elifaz de Temã: “A minha cólera se inflamou contra ti e contra teus dois amigos, porque vós não dissestes sobre mim a verdade, como meu servo Jó.

244 ROSSI, 2017, p. 113. Deus sofre em sua paixão pela liberdade dos que sofrem. Sofre pelo oprimido, pelo desprivilegiado, porque sente a dor, ouve o grito angustiante dos que vivem na periferia.

Deus está sempre ao lado das vítimas – na verdade Ele mesmo é a vítima com e entre as vítimas daqueles que exercem o poder. A história do sofrimento do mundo também é a história do sofrimento de Deus; o Deus que não permite meramente a ação do mal, porque deseja que homens e mulheres sejam livres, mas também aquele que suporta a ação do mal sobre as vítimas, e recebe só as vítimas na comunidade eterna com ele. Um Deus que não pode sentir o sofrimento também não pode nos entender.²⁴⁵

A vida de Jó demonstra esse amor e misericórdia de um Deus que sofre junto com seu povo. A história do povo de Deus na Bíblia traz diversos relatos de Deus indo em direção e em encontro aos seus, sempre que escuta o clamor causado pelo sofrimento, de forma individual e coletiva, porém sempre localizável²⁴⁶ em seu contexto histórico. Assim, o sagrado age na história da humanidade, em favor e remissão dos sofredores, dos inocentes e marginalizados. “Quando fala, as situações mudam. Há com isso, o surgimento da vida e esperança onde até então não havia. Isso indica que, quando Javé se comunica, ele atua. Sua palavra – e a construção teológica dela derivada – nunca é teórica, mas ação em favor da vida”²⁴⁷.

Jó, no encontro com Deus, obtém plena transformação de si no despojamento de tudo que julgava anteriormente pela Teologia da Retribuição como sinais das bênçãos de Deus em sua vida: riqueza, prosperidade e reputação. Somente através deste encontro que ele reconhece a liberdade e a justiça divina e, mesmo reconhecendo sua insignificância, é coroado em receber a visita do Todo-poderoso para tratar-lhe de suas queixas, conhecendo o verdadeiro significado de amor²⁴⁸ puro e sem limites de um Deus que sofre suas dores. “Nesse reconhecimento ele encontra satisfação, não porque seus problemas foram resolvidos ou porque sua dor tivesse sido explicada, mas porque creu e se entregou a um Deus que é maior que seus dilemas”²⁴⁹.

Gutierrez descreve no encontro de Jó com Deus como sendo o “encontro de duas liberdades”²⁵⁰, na qual Deus é plenamente livre para amar gratuitamente sem que seu amor e sua justiça estabeleça uma regra retributiva de qualquer ideologia ou teologia humana, assim como a liberdade de Jó em obter no encontro com Deus, plenitude e satisfação

245 MOLTSMANN, 1997, p. 66, apud ROSSI, 2017, p. 105.

246 ROSSI, 2017, p. 116. Javé é afetado pelo clamor que sai dos lábios das vítimas da sociedade. E, em consequência disso, sua ação começa a ter lugar na história, pois o clamor nasce de uma situação histórica concreta e localizável.

247 ROSSI, 2017, p. 113.

248 TERRIEN, 1994, p. 56. [...] um Deus infinitamente santo, que transcende sua transcendência para manifestar ao homem de dor, é um Deus que ama. O amor de Deus pelo homem que sofre implica a participação desse Deus nos sofrimentos deste homem, porque não há amor sem *sym-pathia*.

249 SOUSA, 2017, p. 43.

250 GUTIERREZ, 1987, p. 131.

mesmo em meio aos sofrimentos e incertezas, mas por compreender que o Deus de sua criação lhe escuta e se importa individualmente²⁵¹ com suas dores. Sousa traz a reflexão sobre esse encontro e a transformação de Jó:

O encontro do homem com um Deus que não se deixa manipular pelas pretensões humanas leva-o ao encontro de sua própria liberdade. A liberdade de encontrar-se com Deus sem querer enquadrá-lo nos seus esquemas teológicos e ideológicos, de deixar que Deus seja apenas Deus, e não um subproduto da nossa imaginação. É somente quando deixo o outro livre para ser quem é que me encontro também livre para amá-lo sem as exigências e expectativas retributivas. Ao perceber-se incapaz de determinar os desígnios de Deus, o homem lança-se com fé confiante e amorosa nos braços do seu criador.²⁵²

“Javé, o Deus da vida, devolve a Jó uma vida que não deixa aprisionar-se dentro de uma estreita ordem ética, mas que se inspira constantemente no amor livre e gratuito de Deus”²⁵³. Assim, Jó obtém salvação²⁵⁴ e libertação de seus tormentos, justiça e transformação à uma nova perspectiva de fé prática e vivencial em Deus em defesa pela vida e pela dignidade humana. Sua liberdade o faz olhar para fora, e promover a luta pela liberdade de todos aqueles que sofrem, e necessitam de uma voz a gritar por suas dores, e por toda a injustiça de sistemas que promovem e sustentam tamanho sofrimento ao povo de ontem, e de hoje, através de seu exemplo.

Reflexões para transformação e um novo conceito da justiça de Deus em defesa pela vida hoje

O livro e a história de Jó, sua transformação à uma nova percepção da realidade, e sua nova perspectiva de fé em Deus contra os discursos religiosos da Teologia da Retribuição que nega o valor da vida, pode e deve servir de inspiração no contexto atual contra toda teologia dogmática, legalista e fundamentalista²⁵⁵ que tenta domesticar o ser humano a aceitar e se contentar com a ação do mal através de discursos religiosos, que não tem contato com o chão da vida, e não defende a vida humana e sua dignidade. Portanto, seu exemplo serve como um caminho para o fazer teológico, assim como, a denúncia e a luta contra as antiteologias existentes atualmente. Para Rossi “todo e qualquer fazer teológico que proponha a domesticação dos seres humanos está, na verdade, propondo

251 TERRIEN, 1994, p. 275. O Criador do universo age constantemente, no céu, na terra e nas águas do mar, mas cuida de uma criatura isolada, até de uma criatura que se rebela contra a própria finitude.

252 SOUSA, 2017, p. 41.

253 GUTIERREZ, 1987, p. 147.

254 TERRIEN, 1994, p. 301. Ele está salvo de sua angústia porque não está mais alienado de Deus.

255 GOUVÊA, 2021, p. 70. Toda boa teologia é, portanto, eminentemente bíblica. Isto significa colocar o sistema doutrinário sempre, e novamente, sob o crivo das Escrituras. O fundamentalismo, ao contrário, usa a Bíblia apenas como subsídio para provar a validade dos dogmas.

uma ação desumanizadora e, conseqüentemente, deixa de ser teologia porque nega a vida que deveria defender”²⁵⁶.

Para Gutierrez “o sofrimento humano, o compromisso com ele, as perguntas que daí surgem sobre Deus, são o ponto de partida e um tema central para a teologia da libertação”²⁵⁷, ou seja, uma teologia que dialogue com o contexto atual, sendo contextualizada, refletida a partir de e para cada contexto e, por que não dizer para cada povo sofredor, e que responda aos anseios e questionamentos da vida diária, na luta por sua salvação e libertação da dominação de todas esferas de poder, de opressão e maldade, e também do meio religioso, como visto na experiência da vida de Jó. Sanches (2013, p. 18) afirma:

Uma teologia não contextualizada não é um saber da vida e não pode pretender ser um saber sobre Deus, pois essa foi a via escolhida por ele para se revelar a nós. A vida, não somente em seus aspectos religioso e espiritual, mas abrangente, integral, interativa e cheia de possibilidades. Uma teologia criativa que busca corresponder às perguntas da mentalidade atual. Isto nos impõe o desafio de repensar²⁵⁸ a razão e o modo de ser da própria Teologia, em seus níveis e áreas de abordagens.²⁵⁹

No mesmo pensamento sobre o fazer teológico, e um fazer teológico público e prático em defesa da vida, Zabatiero afirma que a “teologia se faz a partir do clamor, pois quem não consegue ouvir o clamor de quem sofre, também não consegue ouvir a Palavra que Deus fala”²⁶⁰. Gouvêa reitera e reforça afirmando que se faz necessário compreender que “as pessoas são mais importantes que as ideias, que os movimentos ou nossas convicções doutrinárias ou litúrgicas”²⁶¹.

A vida de Jó traz como uma das principais lições a mudança de paradigma e percepção de uma fé ativa, em contradição à uma religião morta e estática de seus amigos²⁶², após o personagem ter um encontro verdadeiro com o sagrado. Assim também, serve de

256 ROSSI, 2017, p. 99.

257 GUTIERREZ, 1987, p. 15.

258 GOUVÊA, 2021, p. 85. O papel do teólogo é constantemente repensar a tradição. Em outras palavras, nem repetir, nem rejeitar, mas traduzir e atualizar a tradição para que a vida da tradição teológica seja preservada e sua aplicação seja sempre e cada vez mais eficiente.

259 SANCHES; SANCHES, 2013, p. 18.

260 ZABATIERO, 2018, p. 11.

261 GOUVÊA, 2021, p. 105.

262 SOUSA, 2017, p.32. Os amigos de Jó, a despeito de suas intenções sinceras, cometem o erro de muitos conselheiros. Não estão interessados na verdade nem em Jó. Estão muito mais interessados em provar e sustentar seus esquemas teológicos do que em buscar a verdade e compreender a dor e o sofrimento do próximo.

exemplo aos cristãos deste tempo refletir acerca do papel²⁶³ da teologia após o encontro com Cristo e, a ser um chamado a viver uma fé viva, ativa e missional de forma prática em favor dos que sofrem, em lugar de uma religiosidade superficial doutrinária. “A teologia é o saber de uma fé em Jesus Cristo, encarnada, como única maneira possível de vivê-la”²⁶⁴.

A fé cristã nasce e culmina no encontro vivo com o Cristo ressurreto, que carrega nas suas mãos as marcas da crucificação. Nada mais e nada menos que isso. E, se não chegarmos a este encontro com o Cristo da cruz, tudo o que temos é movimento religioso.²⁶⁵

A ação de Deus explanada no livro de Jó, que em toda sua onipotência e santidade veio de encontro a um único homem sofredor, não para lhe trazer explicações em sua revolta, mas para manifestar a gratuidade²⁶⁶ de seu amor, demonstra o tema central²⁶⁷ do Evangelho: Deus se move, age e se doa aos sofredores deste mundo por amor, graça e misericórdia. Este é o agir de Deus ao clamor do mundo em missão, através da encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo em favor de toda a humanidade. Deus é um Deus que sofre, junto com sua criação, pois se entregou a si mesmo em sofrimento e morte por todos. “O grito de Jesus na cruz torna mais forte e profundo o clamor de todos os Jós, individuais e coletivos, da história humana”²⁶⁸.

Portanto, todos aqueles que assim como Jó, tiveram sua experiência com o sagrado e se tornaram seguidores²⁶⁹ de Jesus, ao conhecer o amor gratuito de Deus, tem como missão a luta contra os sistemas de opressão e dor, suas causas e tudo que negue²⁷⁰ a defesa da vida e de toda criação de Deus, como sinais de transformação através do novo reino instaurado em Cristo Jesus. “Os sinais do Reino incluem a promoção da justiça que

263 SANCHES; SANCHES, 2013, p. 46. A intenção não é a construção de sistemas teológicos, mas a compreensão de como a palavra de Deus pode ser vivida da melhor forma, hoje.

264 SANCHES; SANCHES, 2013, p. 17.

265 STEUERNAGEL, 2002, p. 74, apud, SANCHES, 2013, p. 17.

266 GUTIERREZ, 1987, p. 142. O amor de Deus, como todo amor, não se move num universo de causas e efeitos, mas no mundo da liberdade e da gratuidade. É deste modo que as pessoas podem encontrar-se plena e incondicionalmente: sem pagar qualquer tipo de tarifas, sem obrigações exteriores que pressionem a corresponder ao outro.

267 GUTIERREZ, 1987, p. 119. A ideia central é esta: no princípio de tudo, está a gratuidade do amor de Deus. Ela – e não a retribuição – é o eixo do mundo.

268 GUTIERREZ, 1987, p. 162.

269 GUTIERREZ, 1987, p. 163. O empenho em aliviar o sofrimento humano e sobretudo eliminar suas causas, na medida do possível, é uma obrigação do seguidor de Jesus, daquele que tomou sobre si seu “jugo suave e seu peso leve”.

270 PINHEIRO, 2013, p. 18. O respeito pela vida de cada um e de todos e a negação do ódio e da violência direcionam a teologia da vida.

restaura a vida; o amor que prevalece ao egoísmo; a libertação que vence a dominação; o nome de Jesus que supera a qualquer outro, como fonte de salvação”²⁷¹.

Este é um chamado que os cristãos atuais têm por vezes falhado e renegado, como Igreja, seja no fazer teológico, seja na pastoral ou seja no testemunho da vivência diária. “Como comunidade reconciliadora, a Igreja deve posicionar-se profeticamente no mundo, denunciando todo sistema discriminatório e desumanizante”²⁷². A missão da Igreja em combater e negar todo discurso religioso contra o direito e a defesa da vida deve ser levado muito a sério, para que não caia no juízo²⁷³ dos amigos de Jó. Rossi traz em reflexão um alerta:

Um sinal de alerta precisa ser dado a fim de que o cristianismo não corra o risco de perder sua sensibilidade para com o sofrimento humano. A linguagem dos amigos de Jó, ou seja, consoladores inoportunos que preferem justificar Deus a deixar-se interpelar pela dor do irmão sofredor, não deixará de se basear numa teologia que desconsidera o sofrimento inocente. Naturalmente, não é a Deus que defendem, mas a si mesmos e a seu sistema teológico. A linguagem teológica não pode nos levar para fora da história, mas sim para dentro dela e com participação responsável em sua transformação.²⁷⁴

Assim como o Jó, que tornou-se profeta em seu tempo após sua transformação de fé, e denunciou as injustiças e as maldades que sustentavam e promoviam o sofrimento inocente através dos discursos teológicos de seus amigos, é preciso ainda hoje buscar uma verdadeira espiritualidade cristã, com profundo discernimento e reflexão acerca de Deus, de seu amor gratuito e do Evangelho de Cristo, na luta em favor dos oprimido, excluídos e marginalizados e, em defesa da preservação da vida humana, sua dignidade e de toda criação, e em negação as discursos religiosos atuais carregados de ódio e maldade, que em nada tem a acrescentar à fé e esperança na vida daqueles que sofrem. Jó não se deixou calar²⁷⁵ pelas acusações, pela exclusão e por uma teologia sustentadora e promotora do sofrimento humano. “Não refrearei minha língua, falarei com o espírito angustiado e queixar-me-ei com a alma armagurada”²⁷⁶.

271 SANCHES; SANCHES, 2013, p. 96.

272 SANCHES; SANCHES, 2013, p. 106.

273 GUTIERREZ, 1987, p. 40. Aqueles que pretendiam ser os defensores de Deus são agora os acusados.

274 ROSSI, 2017, p. 68-69.

275 ROSSI, 2017, p. 42. Jó, porém, não aceita uma teologia que nega o questionamento porque tudo está pretensamente ordenado e resolvido. Ele não permite que sua voz seja emudecida e sua mente colonizada pela força do discurso teológico oficial.

276 Jó 7.11

Para isso, faz-se vital compreender que as teologias são um saber humano, na busca de um correto falar sobre Deus, e que, “tudo o que o ser humano cria é volátil. Somente o que Deus cria é derradeiro, permanente, e como fruto da sua própria liberdade”²⁷⁷. Portanto, assim como Jó, é necessário buscar o verdadeiro conhecimento de Deus como fonte de transformação e de uma nova espiritualidade e fé, não se deixando encarcerar em afirmações prontas, equívocas e descontextualizadas sobre o mistério de Deus. Sousa afirma:

O que muitas vezes compromete a espiritualidade cristã é a pretensão de restringir todo o mistério de Deus às explicações espiritualizadas ou racionalizadas das nossas experiências cristãs e humanas. Muitos cristãos sentem-se inseguros se não encontram respostas lógicas e bem elaboradas para todas as questões da alma. Isto nos impede de penetrar no mistério de Deus e conhecê-lo no silêncio da nossa insignificância.²⁷⁸

Jó, no despojamento forçado de sua vida abundante que lhe demonstrava uma maneira enganosa de conhecer a Deus, através da Teologia da Retribuição, acrescentado ainda de sua revolta com a falta de respostas às suas angústias e dilemas, verdadeiramente conheceu a Deus. “Conhecer a Deus é encontrá-lo no despojamento de tudo que não é Deus”²⁷⁹. Por vezes, isso se encaixa as ideologias, doutrinas dogmáticas e moralistas, e, principalmente, a arrogante certeza do ser humano em acreditar compreender e conhecer, todo o mistério de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro de Jó se trata de um dos livros mais complexos e belos do cânon bíblico, e que possui de variadas possibilidades teológicas, mas que infelizmente, tem sido pouco explorado na imensidão de possibilidades, se limitando por vezes a apenas o conhecimento da tão famosa paciência de seu personagem. Este livro é indispensável para todo aquele que crê que a verdadeira religião se encontra na experiência de fé no caminhar, e às vezes até no questionar, com um Deus que ama gratuitamente por aquilo que Ele é, e não por retribuição, e que viver com esperança na sua dependência pode até não resolver todos os problemas, mas com certeza o aconchego da sua presença bastará para trazer conforto e paz em meio ao sofrimento.

A história de Jó do início ao fim traz diversas lições para a vida cristã, porém vale ressaltar e enfatizar, a importância do ensinamento de que Deus é livre e soberano em seu

277 SANCHES; SANCHES, 2013, p. 63.

278 SOUSA, 2017, p. 33.

279 SOUSA, 2017, p. 45.

agir, e em sua forma de amar, e que seria a máxima presunção, e até mesmo arrogância e loucura, qualquer teologia ou saber humano pretender encaixá-lo em seus esquemas de fé mercantil, meritocrático e interesseiro, que ao contrário do Deus Todo-poderoso que cria, defende e sustenta a vida, promove a exclusão, o sofrimento e a morte.

O ser humano quando se propõe a explicar aquele que é inexplicável, porque é antes de tudo mistério, tem a pretensão e a soberba, de domesticar aquele que está além de seu controle e de seu próprio entendimento. Ao fazer isso, o ser humano não pretende apresentar a Deus e a sua glória ao próximo, mas antes de tudo, usá-lo para seu próprio interesse em seus mecanismos de controle, poder e opressão, e desta forma, cria para si e para outros, uma imagem distorcida e limitada de Deus. Antes de tudo, faz-se necessário a compreensão de que o verdadeiro temor e conhecimento de Deus passa por reconhecer o seu mistério, e a limitação humana em compreender toda magnitude de Deus, do seu agir e de sua criação.

Todo discurso ou falar sobre Deus se caracteriza em fazer teologia, e se faz extremamente necessária uma séria reflexão sobre os discursos religiosos apresentados, e que em nada se parece com os discursos e ações de Jesus. É necessário compreender que a defesa pela vida, a criação e a dignidade humana são pilares do Evangelho de Cristo e do Reino de Deus instaurado através de sua vida, morte e ressurreição. A teologia deve servir a vida, e não o contrário. Infelizmente, muito do que tem se visto e ouvido dos discursos religiosos doutrinários, e extremamente legalistas, são a vida humana e sua dignidade em sujeição à teologia. Fazer isso é uma aberração e uma afronta ao Evangelho de Cristo! É tornar a teologia, um discurso sobre Deus, em uma antiteologia que não promove a Deus e a Jesus Cristo, e não defende a vida que deveria defender, já que o próprio Deus é aquele que cria, sustenta e dá a vida a humanidade.

Uma teologia que não desce de seu pedestal não tendo contato algum com a realidade pessoal e individual de cada ser humano, não passa de uma palavra vazia, em nada tem a dizer sobre Cristo, pois sendo Ele próprio a Palavra de Deus, foi Palavra encarnada, andou entre nós, no chão da vida, entre as vidas, defendendo e promovendo vida. Ao olhar para a vida de Jesus, encontra-se um ensinamento maravilhoso e de suma importância para esta questão, e que vai em direção oposta à religião oficial do livro de Jó, e dos fariseus em sua época. Observe o episódio do milagre do homem da mão ressequida²⁸⁰, narrada no evangelho de Lucas 6.6-11 (NAA)²⁸¹:

(6) Aconteceu que, em outro sábado, Jesus entrou na sinagoga e começou a ensinar. Estava ali um homem que tinha a mão direita

280 Mão ressequida em outras versões é traduzido por mão atrofiada

281 Lucas 6.6-11 NAA – Trecho de Tradução Bíblica da Nova Almeida Atualizada

ressequida. (7) Os escribas e os fariseus observavam Jesus, procurando ver se ele faria uma cura no sábado, a fim de acharem de que o acusar. (8) Mas Jesus, conhecendo os pensamentos deles, disse ao homem da mão ressequida: - Levante-se e venha para o meio. E ele, levantando-se, ficou em pé. (9) Então Jesus disse a eles: - Vou fazer uma pergunta a vocês: é lícito no sábado fazer o bem ou fazer o mal? Salvar uma vida ou deixar que se perca? (10) Então Jesus, olhando para todos que estavam ao seu redor, disse ao homem: - Estenda a mão! Ele assim o fez, e a mão lhe foi restaurada. (11) Mas eles se encheram de furor e discutiam entre si quanto ao que fariam contra Jesus.

Jesus já havia declarado sua soberania sobre o sábado, ou seja, sobre a Lei em geral. No evangelho de Marcos 2.27 (NAA)²⁸² Jesus declara que “o sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado”. Em outras palavras, Cristo declara e ensina que o sábado, e a Lei de modo geral, foram feitas para servir o homem, e não o homem feito para servir o sábado. Isso não desqualifica a Lei, pois o mesmo Jesus declara que não veio revogar a Lei, mas para cumpri-la²⁸³. Obviamente o que está em questão não é a Lei em si, já que esta foi estabelecida por Deus e era boa, mas a interpretação humana da Lei, por vezes distorcida para atender as necessidades e caprichos de uma certa minoria como visto no livro de Jó. A Lei, assim como a teologia, estão para servir a vida e a dignidade humana, e nunca o contrário. Desta forma, ao olhar para ambas as passagens bíblicas expostas, pode-se parafrasear que a teologia foi estabelecida por causa da vida, e não a vida por causa da teologia. Assim, a defesa e a promoção da vida, daquilo que é lícito fazer, que é o bem, se torna o caminho para o anúncio de testemunho das boas novas, do Evangelho de Cristo e do Reino de Deus.

Portanto, toda teologia, todo discurso sobre Deus, necessita ser feito a partir da vida de Cristo, que é a manifestação maior do amor gratuito e infinito de Deus. Não o fazer é ignorar a graça da encarnação de Jesus para resgatar os pecadores, e não testemunhar verdadeiramente de seu amor, misericórdia e graça. O Deus de amor é o Deus da vida e, portanto, é missão de todo teólogo e cristão a defesa pela vida, e a negação e a luta contra todo sistema e discurso que promova violência, dor e morte, como visto em Jó, e no exemplo maior de Cristo.

Este trabalho se delimitou a citar os discursos religiosos promovedores e legitimadores de sofrimento humano nos dias de hoje com aspectos retributivos, para efeitos comparativos no livro de Jó. Porém, obviamente que a luta contra todo discurso social ou religioso, que agrava e legitima o sofrimento humano, vai muito além. O seguidor

282 Marcos.2-27 NAA - Trecho de Tradução Bíblica da Nova Almeida Atualizada

283 Mateus 5.17 NAA - Não pensem que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, mas para cumprir.

de Jesus deve ser voz profética em defesa dos fracos e oprimidos, dos marginalizados e excluídos, daqueles que sofrem e não tem voz para se defender. O grito e o clamor de Jó devem rugir mais alto em todos os cristãos e na Igreja, na luta e na defesa dos negros contra o racismo, das mulheres contra o machismo, dos homossexuais contra o homofobismo, e diversos outros grupos à margem da sociedade.

Devemos fazer teologia não somente a partir da Palavra de Deus, e principalmente ideologias próprias e humanas, pois isto é fundamentalismo. Fazer isso é utilizar a Bíblia como pretexto em defesa de seus interesses. Mas a teologia se faz em submissão à Palavra de Deus, que é Cristo Jesus, seguindo seu exemplo de vida e sua doação em favor da humanidade. Portanto, a teologia só pode ser submissa a Cristo se ouvir e atender ao clamor das pessoas que sofrem, cada um em suas próprias dores e contextos, mas todos elas sob a dominação, a exploração e a opressão do pecado. Portanto, a defesa pela vida, pelo bem estar de toda criação e a dignidade humana deve ser sempre o critério do fazer teológico que pretende apresentar ao Deus de amor e graça, e o sacrifício salvador de Jesus, e nisso consiste em ouvir o clamor daqueles que sofrem à margem desta sociedade marcada pelo individualismo e indiferença às dores do próximo.

REFERÊNCIAS

- CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário bíblico vida nova**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2009.
- GOMES, F. **O livro de Jó e a teologia da retribuição**. Campinas: Editora Saber Criativo, 2019.
- GOUVÊA, R. Q. **Piedade pervertida: um manifesto antifundamentalista em nome de uma teologia de transformação**. São Paulo: Editora Recriar, 2021.
- GUTIÉRREZ, G. **Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- JUNIOR, W. B. **Bolsonaro e seus seguidores: o horror em 3560 frases**. São Paulo: Editora Geração, 2021.
- KIVITZ, Ed René. **O evangelho do Reino: Teologias – Ep 1**. São Paulo, Conselho da Visão mundial, 2021. 1 vídeo. 15min16s. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=0VPEXUN_aE4. Acesso em 15 jan. 2023.
- LASOR, W.; HUBBARD, D. A.; BUSH, F. W. **Introdução ao Antigo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Editora Vida Nova, 2002. p. 513-541.
- OLIVEIRA, M. R. **Retribuição e prosperidade: volume 2**. São Paulo: Editora Saber Criativo, 2018.
- PINHEIRO, J. **Teologia da vida: uma paixão radical**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- PIPER, J. **Coronavirus e Cristo**. São José dos Campos: Fiel Editora, 2020.
- ROSSI, L. A. S. **A origem do sofrimento do pobre: teologia e antiteologia no livro de Jó**. São Paulo: Editora Paulus, 2017.
- ROSSI, L. A. S. Elifaz, Baldade, Sofar e Eliú: quatro teólogos e um só destino. **ATEo Revista Atualidade Teológica**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 65, p.287-304, 2020.
- SANCHES, R. F.; SANCHES, S. M. **Teologia viva: introdução a uma teologia a partir da América Latina**. São Paulo: Editora Reflexão, 2013.
- SOUSA, R. B. **O caminho do coração: o sentido da espiritualidade cristã**. Viçosa: Editora Ultimato, 2017. p. 21-46.
- STAN, J. **Hermenêuticas e teologias**. São Paulo: Editora Saber Criativo, 2018.
- TERRIEN, S. **Grande comentário bíblico: Jó**. São Paulo: Editora Paulus, 1994.
- ZABATIERO, J. **Teologia pública**. 3. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.